



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO UNIDADE ACADÊMICA  
DE SERRA TALHADA CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

Jeancarlos Marins de Araújo

**PERSPECTIVAS DO HERÓI EM “O SANTO E A PORCA” DE ARIANO  
SUASSUNA, TRAÇOS E PECULIARIDADES DA OBRA E DOS PERSONAGENS.**

Serra Talhada-PE 2018

JEANCARLOS MARINS DE ARAÚJO

**PERSPECTIVAS DO HERÓI EM “O SANTO E A PORCA” DE ARIANO  
SUASSUNA, TRAÇOS E PECULIARIDADES DA OBRA E DOS PERSONAGENS.**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Português/Inglês.

Orientadora: Prof. Dra. Maria do Socorro P. Almeida.

Serra Talhada-PE 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

A663p Araujo, Jeancarlos Marins de  
Perspectivas do herói em “o santo e a porca” de Ariano  
Suassuna, traços e peculiaridades da obra e dos personagens /  
Jeancarlos Marins de Araujo. – Serra Talhada, 2018.

64 f.

Orientadora: Maria do Socorro Pereira de Almeida  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de  
Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.

Inclui referências.

1. Literatura picaresca. 2. Literatura. 3. Análise literária. I.  
Almeida, Maria do Socorro Pereira de, orient. II. Título.

CDD 400

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO UNIDADE ACADÊMICA  
DE SERRA TALHADA CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

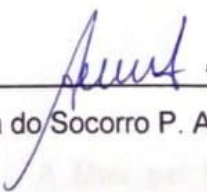
Jeancarlos Marins de Araújo

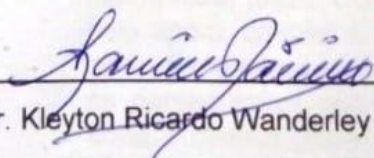
PERSPECTIVAS DO HERÓI EM "O SANTO E A PORCA" DE ARIANO  
SUASSUNA, TRAÇOS E PECULIARIDADES DA OBRA E DOS PERSONAGENS.

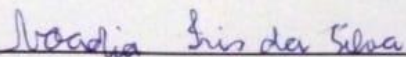
Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da  
Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do grau  
de Licenciado em Letras – Português/Inglês.

Data de Aprovação 23/08/2018

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro P. Almeida. (Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dr<sup>a</sup>. Noadia Iris da Silva

A Meu pai Francisco Tomas (Falecido) e minha mãe, Maria Gomes Marins de Araújo, pelo apoio, criação e palavras de incentivo, ditas diariamente enquanto lutava em meio às perseguições que sofri, para que fosse firme, e tivesse plena consciência de que era amado, e que podia muito mais. Esta conquista é nossa.

## **AGRADECIMENTOS**

Foram muitos anos, sonhando em cursar um ensino superior, sonhando em algo que me aproximasse das artes, que me proporcionasse uma nova visão de mundo. E aos meus 39 anos, depois de muita luta, consegui esta visão de arte e mundo. E é a este curso, com seus responsáveis, que agradeço, em especial à gestão presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, que nos proporcionou o ensino superior federal próximo da população de baixa renda, esquecidos no árido sertão, que pude cursar e realizar meu sonho.

Agradeço a todos que me incentivaram a cumprir esta meta, meus colegas; Vanessa Pereira, Letícia Gomes, Geneilda Sousa e Alídia Gondin, que me deram apoio nas horas de sufoco e não me deixaram esmorecer, a meu companheiro Antonio Romeldo Ferreira da Silva, que me deu suporte nas horas de estudo prolongado, a meu amado filho, Gabriel Natan Marins de Araújo, que sempre compreendeu a ausência do pai por motivo de estudo, me dizendo sempre o quanto me amava e me entendia. A minha mãe, Maria Gomes Marins de Araújo, que me deu suporte e incentivo, para que realizasse este sonho. A meu Pai Francisco Tomas Gomes de Araújo, que em vida sempre acreditou em meu potencial, me incentivando a dedicar-me as artes, sendo meu melhor e maior fã.

Agradeço as artes, que é e sempre será minha inspiração, meu alento e paz, quando mais necessito. E com ela, agradeço todos os amigos triunfenses, que me acolheram em sua linda cidade, que hoje também é minha, na hora que mais precisei, a estes cito minhas queridas alunas do curso de pintura em tela, elas que me deram tanta força, que desde o princípio acompanharam minha luta diária, saindo de um trabalho para outro, e por fim aulas todos os dias, eram elas que percebiam meu sufoco e me davam conforto; um sincero agradecimento.

Tive em minha jornada acadêmica, várias inspirações, regidas pela maestria de alguns mestres como: Valquíria Moura; Jean Paul d Antony , Kleyton Ricardo; Rogerio Fernandes; Marcelo Sibaldo e Noadia Íris, sem esquecer-me de minha orientadora, Maria do Socorro P. Almeida., que aceitou com toda simpatia esta missão. Para honrá-los cito o que sempre digo aos amigos próximos quando por muitas vezes fico admirado com tamanha sabedoria destes mestres: “posso até não conseguir passar, posso até não aprender nada, mas não troco este momento

por outro, de estar aqui sendo atordoado com tanta sabedoria” estes para mim foram queridos mestres inspiradores, e propagadores de conhecimentos, quem dera ao longo da vida possa eu ter mais oportunidades como as que já tive, de estar a frente e poder sair do mundo, me transplantar ao mundo da sabedoria destes queridos mestres e doutores.

Por fim, dedico um agradecimento especial a minha orientadora Maria do Socorro P. Almeida, que além de aceitar me orientar neste trabalho, me mostrou o amor à literatura popular, sua força, nas idas e vindas de sua cidade para cá, dando-me atenção e inspiração, que segurou em minha mão, me orientando, e nos vários momentos que debatemos nosso assunto, me deixou arrepiado em ouvir e sentir a força do seu conhecimento, que de tão forte me deu rumos a seguir. Nada disso seria possível sem seus ensinamentos, orientação e principalmente paciência.

Sinto-me grato por poder partilhar esse momento com cada um de vocês. Muito ainda.

“Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver.”

Ariano Suassuna



## RESUMO

A presente monografia pretende investigar as representações do herói, na obra *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna, especialmente na perspectiva da personagem Caroba, que se revela como picaresca. Vemos também as peculiaridades de outros personagens e os traços de nordestinidades, típicos das obras Suassunianas. O trabalho observa, também, aspectos do sagrado e do profano na obra com embasamento, principalmente, nas visões teóricas de Émile Durkheim e Mircea Eliade que nos ajudaram a entender melhor essas perspectivas e analisá-las no texto em estudo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica para a qual procuramos nos embasar em documentos e textos já produzidos sobre o assunto e para atingirmos o objetivo, dividimos o estudo em três partes, primeiro procuramos conhecer mais sobre o estilo e a estética do autor, depois apresentamos a obra e em seguida, fizemos uma análise de alguns aspectos importantes da obra e dos personagens. Ao final da pesquisa, foi possível perceber que a obra revela as peculiaridades humanas, o jogo de aparências dos personagens, especialmente a astúcia de Caroba e também funde opostos como o sagrado e o profano, entre outros fatores

**Palavras-chave:** Peculiaridades. Personagens Picarescos. Sagrado e profano.

## ABSTRACT

The presente monograph intends to investigate the representations of the hero on the literary work "*O santo e a porca*", from Ariano Suassuna, especially on the perspective of the character Caroba, that revels her self as "*picaresca*". We also see the peculiarity of other characters and the Northeastern traits, typical from the "*Suassunianos*" Works. The monograph also look out to aspects of the sacred and the profane on the literary work, mainly based on the theoretical views of Émile Duckheim and Mircea Eliade that help us to get a better undertunding of those perspectives and to analyze them in the work under study. It is a qualitative and bibliographic research to which we seek to rely on documents and texts already produced about the subject and, to reach the goal, we divided the study into three parts, first we look out to know more about the author's style and aesthetics, after that we presented the literaly work and then we analyzed some importante aspects about the work and the characters. At the and of the research it was possible to notice that the literary work revels the human peculiarities, the game of appearances, especially the Caroba's craftiness and also fuses opposites such as the sacred and the profane, among other factors.

**Key-words:** Peculiarity. "*Picarescos*" Characters. Sacred and profane

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 ARIANO SUASSUNA, ESTILO E ESTÉTICA</b> .....	14
<b>2 O SANTO E PORCA, CONHECENDO A OBRA</b> .....	23
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO HERÓI .....	30
2.2 A VISÃO DE HERÓI EM O SANTO E A PORCA .....	34
<b>3 PECULIARIDADES DA OBRA, UM OLHAR ANALÍTICO</b> .....	40
3.1 INTERTEXTUALIDADES .....	40
3.2 O RELIGIOSO E O PROFANO .....	45
3.3 ASPECTOS DE NORDESTINIDADE .....	50
3.4 OS PERSONAGENS .....	53
3.4.1 Euricão "Engole Cobra" ou Eurico Árabe .....	54
3.4.2 Porca .....	55
3.4.3 Santo Antônio .....	56
3.4.4 Margarida .....	57
3.4.5 Benona .....	58
3.4.6 Eudoro .....	59
3.4.7 Dodô .....	59
3.4.8 Caroba .....	60
3.4.9 Pinhão .....	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64

## INTRODUÇÃO

A partir dos traços peculiares encontrados na peça *O Santo e a Porca*, entendendo como peculiar às características que remontam a união entre erudito e popular, assim como as características de nordestinidade encontradas na literatura de Ariano Suassuna, a fusão de polos opostos a exemplo do sagrado e do profano e as particularidades dos personagens, especialmente no que condiz ao pícaro; busca-se, nesse estudo, analisar a citada obra, observando tais aspectos além de outros que, eventualmente, se apresentem ao nosso olhar.

A metodologia utilizada neste trabalho é explicativa e bibliográfica por que visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para construção dos personagens e de alguns aspectos como o sagrado e o profano e as perspectivas de herói. Por outro lado, nos embasamos em estudos anteriormente produzidos. A pesquisa observa também aspectos culturais, que requer o uso do método observacional dos personagens envolvidos, e da visão do autor em constituí-los.

Quanto aos procedimentos, essa pesquisa é bibliográfica por que será fundamentada em estudos de teóricos e pesquisadores a exemplo de: Bakhtin (2010); Candido (1970); Chauí (1994, 1983) e Durkheim (1996); Elíade (1992) e Fiorin (2006); Santos (2005); Trevizam (2014) entre outros. Quanto à abordagem, é qualitativa uma vez que irá analisar a interpretação das ações dos personagens na obra, e a atribuição de significados, utilizando a análise dos dados intuitivamente, bem como se pretende também, identificar a crítica envolvida nos acontecimentos da peça.

Para melhor compreensão do assunto e produção desta pesquisa, ela foi dividida da seguinte forma: o primeiro capítulo buscou apresentar o estilo e a estética de Ariano Suassuna, sua visão do mundo literário e artístico, seu envolvimento na construção do armorialismo, um pouco de sua biografia e inspirações.

No segundo capítulo buscamos conhecer um pouco mais sobre a obra *O Santo e a Porca*, e as inspirações que levaram o autor à construção da peça, a mistura entre erudito e popular, sagrado e profano entre outros aspectos. Neste mesmo capítulo subdividido em dois tópicos, apresenta-se no primeiro, a contextualização do herói, buscamos conhecer um pouco mais do que é um herói

literário de um modo mais geral e o que caracteriza o herói picaresco. Em seguida, traz-se à tona as perspectivas do herói na obra, que tipo de herói, e quais suas características. Assim, busca-se entre os personagens observar as ações que o caracterizam como picaresco, tendo como principal alvo do nosso olhar, a personagem Caroba que, a nosso ver, tem em suas astúcias e modos de resolver situações, bem como de levar vantagem sobre elas e sobre as pessoas com quem negocia, os aspectos de um personagem pícaro.

No terceiro capítulo, observamos as peculiaridades da obra. No primeiro momento, buscamos compreender um pouco mais das intertextualidades contidas na obra como as relações com a obra que o inspirou na construção da peça entre outras. Em um segundo momento é trazida as relações entre o sagrado e o profano contidas na obra em uma visão comparativa das teorias de Émile Durkheim e Mircea Eliade, que trazem definições sobre ambos os conceitos. Em terceiro ponto, vemos os aspectos de nordestinidades, ponto que se refere às características peculiares que o autor traz a obra, se relacionando aos aspectos do armorialismo que permeiam seu estilo e alguns aspectos que são inerentes ao sertanejo nordestino. E por fim, os traços, característica e peculiaridades dos personagens, e neste ponto traçamos um panorama individual dos protagonistas da trama,

Podemos concluir que este trabalho visa aumentar a valorização da Literatura, em especial das que possuem características nordestinas, através de uma análise dos aspectos, peculiaridades assim como das intertextualidades envolvidas na obra *O santo e a Porca*, nos proporcionando uma reflexão sobre a desvalorização humana e supervalorização do dinheiro, aspectos cada vez mais atual nos tempos de hoje.

## 1 ARIANO SUASSUNA, ESTILO E ESTÉTICA

Considerado um dos grandes escritores nordestinos e um dos maiores representantes da cultura nordestina, Ariano é amante das artes como um todo, e em particular da popular. Foi o mentor do Movimento Armorial nos anos 1970, em que defendia assiduamente a junção do erudito com elementos da cultura popular nordestina. Nascido em 16 de junho de 1927 na cidade de Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa, capital do estado da Paraíba, teve como pai o Sr. João Suassuna, influente político da região, sua mãe se Chamava Rita de Cássia Vilar Suassuna. Em 1930 o pai de Ariano foi morto numa emboscada no Rio de Janeiro, por motivos políticos, a partir de então a família perdeu o sossego, dona Rita e seus nove filhos foram morar em Taperoá, uma pequena cidade paraibana e posteriormente se mudaram para o Estado de Pernambuco. Ariano ingressou na faculdade de Direito em 1942, ali escreveu sua primeira peça para teatro: *Uma mulher vestida de sol* (1947). Ainda em 1945 ele o poema *Noturno* tinha sido publicado no Jornal do Comercio em Recife. O jovem escritor conseguia se dedicar ao ofício para o qual foi formado e conciliar com o crescente talento literário que, a cada dia, crescia, revelado em seus poemas e primeiras peças teatrais. Abandona o Direito no ano de 1957, para assim se dedicar a sua paixão: ensinar e escrever. Como afirma Victor Lins ao descrever o menino Ariano

O menino que descobriu aos 12 anos o desejo de ser escritor começou, primeiro, admirando os personagens das histórias que lia. Logo passou a admirar as autores daquelas histórias, eles também misteriosos personagens. Por fim, Ariano passou a querer transformar-se em um grande personagem-escritor. Se aos 17 anos o Jornal Literário já publicava suas primeiras tentativas de poemas, aos 18 teria início, oficialmente, a carreira literária do jovem escritor brasileiro. (VICTOR LINS 2007, p.47. apud ARIANE SILVA, 2013, p. 28 )

Suassuna fez do Movimento Armorial segundo Trevizan (2014, p 136) um renascer dos escritos no Brasil, realizando o que para muitos seria improvável, “unir o clássico da literatura erudita como Shakespeare, Tostói e Plauto, escritor latino do período antes de Cristo à literatura e ao teatro popular”. Durante nosso estudo compreenderemos um pouco mais das astucias de Ariano, ao contribuir com novos aspectos para escrita popular, a partir dos clássicos eruditos, fato este corroborado pelo próprio Ariano quando em uma entrevista ele defende sua opção,

na sétima edição do Bancarte<sup>1</sup>- em 28 de abril de 2011), na Capital paraibana, o próprio Suassuna explica:

As pessoas pensam que eu sou contra a cultura universal e eu seria um ingrato porque devo muito a Cervantes, Tosltói e Dostoievski. O que eu bato é contra a uniformização da cultura do gosto médio, da ditadura do consumo e do gosto que nos quer impor como modelo. (SUASSUNA, 2011 *apud* AIANE SILVA 2013, p 32, em texto retirado do Bancarte<sup>1</sup>)

Escreveu inúmeras peças, fazendo destas, seu selo, fugindo do tradicional e batendo de frente com o que a crítica literária impunha aos escritos, Ariano se dedicou as artes através da poesia, do romance e do teatro, sua maior paixão. Peças escritas com peculiaridades de palco, como entradas e saídas de cena, traços dos personagens entre outros, característica e peculiaridades próprias da visão do autor.

Tratava seus escritos como se estivesse vendo tudo acontecer, dando aos produtores teatrais, todos os meios, dicas para que a peça se desenrolasse tal qual a imaginara, pois nesses aspectos, era forte e firme, as cenas tinham que ter sua marca, pois além de ser um ótimo escritor, também possuía grande entendimento sobre direção, suas peças tinham que transmitir ao publico o seu universo, para que assim este público pudesse viver as grandes aventuras de suas obras.

Entre suas principais obras estão, “Uma mulher vestida de sol”, “Cantam as harpas de Sião”, “Os homens de barro”, “Auto de João da Cruz” e “Auto da Compadecida”. Além desta última, as que mais tiveram relevância para critica literária nacional, foram “Fernando e Isaura”, “Romance d' A pedra do Reino”, “As infâncias de Quaderna” e “História d' O rei degolado nas caatingas do sertão”. Não menos importante aqui cito “O Santo e a porca” a qual iremos estudar mais a fundo no decorrer deste trabalho.

Marcado por uma estética cheia de personalidade, entre a tragédia e a comedia, e como citado a cima, inspirado por grandes autores da literatura clássica, Ariano traz a realidade sertaneja de vidas e vivencias em um sertão castigado, porém vivo e pulsante. Estética para Ariano é um campo de estudo abrangente, as perspectivas do belo, a construção do novo a partir do clássico, tudo isso caminham para uma nova realidade literária em uma percepção mais abrangente e filosófica, como vemos na obra “Iniciação a Estética”:

-é por isso que acho que todos os que trabalham em seu campo têm de deixar de lado o orgulho. Temos de perder a mania de inovar a qualquer preço, de sistematicamente discordar dos pensadores que antecederam o nosso século somente pelo temos de nada dizer de novo. Se Aristóteles fixou bem as fronteiras do trágico, por exemplo, não vamos desfazer sua contribuição à verdade nesse campo, somente para dizer algo diferente de que ele disse-(SUASSUNA , 2009, P. 15)

Sendo assim, para Ariano estes mestres da literatura clássica devem sim ser considerados, serem inspiradores do novo escrito, e em suas obras podemos perceber estes traços, onde o lúdico, o imaginário e o mágico, por vezes se misturam às realidades sertanejas, como epopeias vividas em pleno sertão. Nesse aspecto, o autor continua dizendo:

Com efeito, mesmo que a realidade não fosse inesgotável, bastaria a necessidade que tem cada geração - e mesmo cada um de nós - de resolver, por si só, cada problema, em nossa própria linguagem, para tornar o conhecimento aquilo que é por natureza - a tentativa incessantemente renovada de explicar o homem e o mundo.( SUASSUNA, 2009, p.16)

Esta renovação pregada por Ariano está fortemente embasada nas características estéticas dos escritos antigos, renovada pela realidade sertaneja. Assim, o autor traz para suas tragédias e comédias, traços renovados, o sertanejo vira herói e anti-herói, as mulheres sofridas se tornam protagonistas, senhores de fazenda e suas famílias aristocratas do árido sertão podem ser apresentados como vilões ou vítimas. Nas obras de Ariano, a avareza a ganancia a valentia são temas constantes, sem esquecer-se das lendas e prosas do cotidiano sertanejo, dos santos, figuras quase que transcendentais e mágicas, que se alinham nas obras e trazem o tempero místico e lúdico.

Contudo é na arte armorial que Ariano traz as especificidades da cultura popular, como a literatura de cordel, que traz traços comuns do cotidiano, da imaginação e do mítico nordestino, as lutas e crenças de um povo. A musicalidade da viola, da rabeca e do pífano, sonoridades que ecoam nas obras do romancista Ariano. Como por um êxtase o autor se encanta com a simplicidade do sertão e das coisas do seu dia-a-dia, traços que os inspirava no processo mágico e ao mesmo tempo, lógico na construção de suas obras.



Ariano com sua engenhosidade criativa buscava através dos elementos sertanejos, a erudição que o inspirava criar a nova literatura armorial, e o Cordel não poderia faltar nas obras de Ariano. Idelette Muzart Santos (2009, p. 35) ressalta que “o romanceiro e o folheto são, ao mesmo tempo, fonte e modelo de um aspecto particularmente original no Movimento Armorial: a relação estreita entre as diferentes expressões artísticas e os próprios artistas”, e ainda completa ressaltando que os folhetos são fonte reflexa das muitas inspirações eruditas que permeiam o imaginário popular traduzidos nas obras suassunianas, dizendo: “O espírito mágico manifesta-se nos folhetos contando as aventuras de cavalos encantados e touros endiabrados, na atualização de romances antigos, adaptados à realidade social e cultural nordestina”. (SANTOS, 2009, p. 34). O universo magico a que Santos se refere esta literalmente enraizada nas obras de Ariano.

Ainda olhando para estética e logica deste nosso romanceiro que cria e recria um novo teor literário, comparemos com Aristóteles que em suas obras traz o belo de forma inerente ao homem, a arte das criações humanas, o sensível ao homem. O belo para Platão está na verdade, na perfeição dos sentidos para formação de um mundo ideal, corroborados por Ariano quando diz:

Para Platão, a arte tem uma função ao mesmo tempo pratica e mística. A Arte, para ele, é um caminho, através do qual o homem pode empreender aquela forma de explicação do mundo, e da penetração do real que é a ascensão para o mundo das essências, das ideias puras, e, conseqüentemente, de comunhão com a beleza absoluta (SUASSUNA, 2007, p.191).

As teorizações feitas da arte, da escrita na critica literária, trazem as discursões de arte como imitação da natureza, o belo limitado a apreciação de um domínio artístico, para isto segundo Ariano, acreditava que a arte deveria ultrapassar as teorias, levar em conta não apenas o belo, mais também as questões referentes a verdade e a vida. São estes aspectos que vemos em suas obras, ultrapassando os limites do cânone e trazendo a humanização das coisas atreladas às estruturas sensíveis e imaginantes de suas ideias, como podemos ver na apresentação que o próprio Ariano Suassuna faz no Livro *O Santo e a Porca*:

- *O santo e a porca* apresenta a traição que a vida, de uma forma ou de outra, termina fazendo a todos nós. A vida é traição, uma traição contínua. Traição nossa a Deus e aos seres que mais amamos. Traição dos acontecimentos a nós, dentro do absurdo de nossa condição, pois, de um ponto de vista meramente humano, a morte, por exemplo, não só não tem sentido, como retira toda e qualquer possibilidade de sentido à vida. (SUASSUNA 2002, pg.23)

Sua obra se torna próxima do leitor, pelos aspectos do imaginário, nos dramas comuns a vida cotidiana e das brincadeiras e prosas do sertanejo, um identificar-se mútuo entre autor, personagem e leitor, na fala: “- Engole-cobra é a mãe! Não lhe dei licença de me chamar de Engole-cobra, não! Só de Euricão!” (2002, pg. 23) retirada da obra *O santo e a Porca*, mostra as brincadeiras e apelidos, mostra também as expressões do dia a dia.

As expressões do cotidiano, dos dramas e alegrias populares, das brincadeiras e dizeres, são características que nosso romancista traz em suas obras, promovendo um identificar-se do leitor, como Ariano mesmo diz, um encontro de almas:

[...] a alegria que a alma sente diante de uma obra bela origina-se do fato de que, diante dela, nós sentimos que estamos diante da chispa de outra alma humana; o artista colocou em sua obra uma fagulha, um brilho de sua alma, e a nossa, ao captá-la, se alegra, porque aquele encontro é, de fato, um reencontro [...] (SUASSUNA, 2007, p.65)

Um encontro de almas, a aproximação mais pura do leitor com a obra, síntese dos desejos e sonhos de Ariano ao colocar nas obras, traços que promovam encontros de culturas, de raízes, de almas. Um bom exemplo é quando em “O Santo e a Porca” ele promove o reencontro dos amantes Benona e Eudoro, que separados pelos intemperes da vida, reacendem a chama do amor depois de anos. As astúcias de Caroba com suas tramas bem elaboradas e quase cômicas, fazem essa ponte, permitindo que o leitor chegue a torcer para que tudo dê certo, encontro de almas leitor, trama, personagens e obra.

Não deixando de lado o teatro de Suassuna, que se estende em um arco cronológico compreendido pela década de 40 do século XX até suas principais peças, já nos anos 50 e 60 do mesmo século, o marco fundador do armorialismo na cultura brasileira, os anos 70 significaram a abertura de um novo e derradeiro

“período” no movimento. Ele se chamou “fase romançal” que afirma a escrita do dramaturgo, quando através de peças como a que veremos, não devendo ser vista de forma gratuita, pois traz em seu plano de fundo as perspectivas da arte armorial, vertente primordial da alma de nosso romancista, um rico conjunto de narrativas, temperadas pelos ditos e viveres populares, orais e escritos, em que o romancista herdado da Europa adaptou-se aos temas nordestinos e evoluiu através de Ariano.

O movimento armorial, cujas práticas vivenciadas por diversos de seus integrantes, artistas que precederam a construção dos manifestos teóricos, caracteriza-se no espaço e no tempo, todos os envolvidos no movimento eram nordestinos, sobretudo de Pernambuco e dos estados vizinhos da Paraíba e de Alagoas, juntos lutavam pela construção de uma nova visão artística que incorporasse tudo que sonhavam para arte, unindo passado e presente a suas raízes.

Suas obras, vastas de sabedoria popular são provas da aproximação do leitor. Seja no drama ou comédia, Ariano tem sua identidade marcada, o antigo e o novo se unem pra um encontro de saberes que promovam enfrentamento e entrelaçamento, intelectuais, matérias e espirituais, que nos promovam viajar nas linhas de sua obra, nos aspectos humanos, no intuito de transcender em busca de novos sentidos

É construindo uma obra próxima do leitor, rica de sentidos e formas, situações que promovam o reconhecimento, o encontro, a identificação, que o autor transcende a obra em si e se aproxima da vida, onde a obra se torna inspiração para vida ou um encontro interpessoal, vida e obra se confundem, se fundem. Como afirma Chauí 1994:

É a obra que explica a vida e não o contrario, pois a obra é a maneira como o artista transforma, num sentido figurado e novo, o sentido literal e prosaico de sua situação de fato. A obra de arte é existência, isto é, o poder humano para transcender a facticidade nua de uma situação dada, conferindo-lhe um sentido que, sem a obra, ela não possuiria (CHAUÍ,1994, p.477)

Esta afinidade de que Chauí trata, é justamente este encontro identitário, que traz as obras de Ariano, a riqueza cultural com a qual seu leitor se encontra, como por exemplo a literatura de cordel, que está constantemente presente em suas

obras, utiliza a oralidade e elementos característicos da cultura sertaneja para facilitar o entendimento dos leitores. Muitos desses aspectos do cordel, é que vão dar à obra de Suassuna a característica da intertextualidade. Na realidade, são intenções estéticas, uma necessidade de demonstrar que a cultura Nordestina também pode ser culta, vinda das raízes populares, nascida a partir da criatividade do Povo, mas com qualidade artística que não deixa a dever à literatura elitizada.

E foi no teatro que Ariano pode transpor suas obras, trazendo características populares nordestinas e rurais, para um público urbano, com conhecimento de arte e mundo. Através de peças cômicas com forte influência da literatura de cordel dos repentes e emboladas, as quais já se atribuem relações mais cômicas do cotidiano popular. Ariano pode aplicar com suas técnicas de escrita teatral as peculiaridades de fé, costumes e vivências, a que se dispunha como ferrenho defensor do armorialismo, como vemos em Santos e Ramos:

No que diz respeito às fortes influências, a crítica já assinalou que, no conjunto das obras de Ariano Suassuna, há um misto de “fé católica, intuições moralizadoras e presença do populário nordestino, através de uma técnica dramática que tem origem em Plauto, autores medievais, *Commedia dell’arte* e Calderón” ( Mioses & Paes, 1980,p. 408, apud, Santos e Ramos, 2015, pg. 03)

Suas características já estavam incrustadas na escrita, a alma do escritor está no que vemos e vivemos no sertão, ponto que já era carimbo marcado e percebido pela crítica literária nacional. “O engajamento artístico e intelectual de Ariano Suassuna é notório e confesso. Sua produção literária já aponta para esse compromisso ao resgatar o fabulário popular nordestino, de caráter oral e abundante em humor,” (Santos e Ramos 2015, pg. 02). Confesso e amante ferrenho do sertão, Ariano fez de sua obra um encontro com o imaginário e as vivências do sertão, de norte a sul do país quem o lê pode conhecer um pouco do viver sertanejo, nossas alegrias e dores, amores e desafetos, o sertão para Ariano era a corte real de suas obras.

Não se esquecendo de falar da poética de Ariano, que em sua quase totalidade ficou, durante muitos anos, conhecida por poucos de seu convívio mais próximo, contudo no ano de 1999, pela editora Universal, foi publicada, chegando ao conhecimento dos seus assíduos leitores e tomando um papel primordial em sua

vida artística. Assim, sua obra poética se torna característica pela forma, estrutura, métrica e alguns elementos que fazem parte essencial de sua poética como a cor amarela, o sol, a cor da terra, o brilho, ou seja a alusão ao brilho e também a figura paterna que se revela de várias formas. Como se pode ver no poema *A morte do touro mão de pau*:

Corre a serra joana gomes  
Galope desesperado:  
Um touro se defendendo,  
Homens querendo humilhá-lo,  
Um touro com sua vida,  
Os homens em seus cavalos.

Cortava o gume das pedras  
Um bramido angustiado,  
Se quebrava nas catingas  
Um galope surdo e pardo  
E os cascos pretos soavam  
Nas pedras de fogo alado,  
Enquanto o clarim da morte,  
Ao vento seco e queimado,  
Na poeira avermelhada  
Envolvia os velhos cardos.

Rasgavam a serra bruta  
Aboios mal arquejados  
E, nas trilhas já cobertas  
Pelo pó quente e dourado,  
Um gemido de desgraça,  
Um gemido angustiado:  
[...]  
Num grito, todos pararam,  
Pelo horror paralisados,  
Pois sempre, ao rebanho, espanta  
Que um touro do nosso gado  
Às teias da fama-negra  
Prefira o gume do fado.  
E mal seus perseguidores  
Esbarravam seus cavalos,  
Viram o manco selvagem  
Saltar do rochedo pardo:

-"adeus, lagoa dos velhos!  
Adeus, vazante do gado!  
Adeus, serra joana gomes  
E cacimba do salgado!  
Assim vai-se o touro manco,  
Morto mas não desonrado"!

[aboio]

Silêncio. a serra calou-se  
No poente ensangüentado.  
Calou-se a voz dos aboios,  
Cessou o troar dos cascos.  
E agora, só, no silêncio

Deste sertão assombrado,  
O touro sem sua vida,  
Os homens em seus cavalos.

Outro poema que deixa bem clara a figura paterna e o sentimento de orfandade do poeta é *Aqui morava um rei*:

Aqui morava um rei quando eu menino  
Vestia ouro e castanho no gibão,  
Pedra da Sorte sobre meu Destino,  
Pulsava junto ao meu, seu coração.

Para mim, o seu cantar era Divino,  
Quando ao som da viola e do bordão,  
Cantava com voz rouca, o Desatino,  
O Sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu pai. Desde esse dia  
Eu me vi, como cego sem meu guia  
Que se foi para o Sol, transfigurado.

Sua efígie me queima. Eu sou a presa.  
Ele, a brasa que impele ao Fogo acesa  
Espada de Ouro em pasto ensanguentado.

Percebe-se bem os elementos que sempre estão presentes na obra do autor, como o sangue, o fogo, a perspectiva do calor, o fogo, entre outros. O pai de Ariano gostava de cantoria, convidava os cantadores para casa para fazer cantoria. Gostava de poesia de cordel, deixando para o filho uma herança pelo gosto das artes populares. No poema acima fica bem clara a admiração pela veia artística do pai e também o sentimento de perda que parece transcender ao tempo.

Assim, no citado ano, o volume *Poemas* de Ariano Suassuna que se constitui de poemas eruditos e populares. Segundo José Laurenio de Melo, nas notas biográficas de o “Santo e a Porca”:

Poesia que vista em conjunto constitui uma complexa narrativa mítico-dramático batizada pelo diálogo com poetas antigos e modernos, eruditos e populares, num arco de se estender de Homero a Dante a Manuel Bandeira e ao cantados Manuel de Lira Flores (2002, p. 12)

Nosso romancista passou entre os diversos veios literários do drama a comédia, do romance a poesia, mas não parou por aí, marcou seus traços peculiares nas artes plásticas, pintura, gravuras e até esculturas. Suassuna era

completo no que as artes pode conceber, amante e descobridor da mesma, pois nas veias ele a conduzia, tudo isto regado de forte raiz nordestina.

Em seu redor uniram-se os mais diversos artistas armoriais, os amantes, seguidores do pensamento de Ariano, pintores cantores escritores, cancioneiros e repentistas, pessoas que entendiam que nossa raiz estava viva em suas obras e que multiplicá-las era preciso, difundi-las era preciso, era preciso aprender com Ariano. Sendo assim, o mestre Ariano, que já exercera, durante muitos anos a docência, como professor de estética da UFPE, finda sua carreira, levando aos seguidores e admiradores, aulas espetáculo, defendendo arduamente a cultura brasileira e a identidade nacional contra a cultura importada. Nas aulas, ou seja, nas palestras, ele difunde seu pensamento, mostra caminhos e inspira a irmos além.

Ariano Suassuna faleceu no dia 23 de julho de 2014, aos 87 anos, na cidade de Recife, capital do Pernambuco, em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral.

## **2 O SANTO E PORCA, CONHECENDO A OBRA**

A nossa pretensão maior é observar a condição do herói na obra de Suassuna, como se revelam as perspectivas do herói picaresco, o herói problemático, uma vez que se trata de uma obra moderna e que o herói não tem compromisso com a perfeição, como ocorria anteriormente, com os heróis clássicos e românticos. No entanto, antes de adentrar nesse contexto, procuramos fazer um apanhado da obra trabalhada no intuito de fazer com que o leitor que não a conheça, se aproxime um pouco mais e possa compreender melhor nossos argumentos.

Para falar de “O Santo e a Porca” de Ariano Suassuna, precisamos conhecer o que lhe inspirou a esta obra, os caminhos que tomou, o que de fato ele quis nos mostrar. Na apresentação da peça feita pelo autor podemos ler:

O que eu procuro atingir, portanto, é, se não a verdade do mundo, a verdade de meu mundo, afinal inapreensível em sua totalidade, mas mesmo assim, ou por isso mesmo, tentador e belo, como seu sol luminoso e selvagem, tão selvagem que não podemos vê-lo. (SUASSUNA, 2002, p. 26)

O mundo de Ariano é repleto das riquezas do seu imaginário alimentado pelo ambiente sertanejo, que resplandece como a luz do sol; mas, não qualquer sol, o sol do sertão, que de tão selvagem faz qualquer um, frente a seu furor, tremer e compreender sua força, reconhecê-lo como rei supremo destas terras. Assim como é Ariano, forte em sua escrita, que de tão rica, literal, histórica e culturalmente, se torna inabalável, rei da corte do sertão. Sobre o mundo (seu mundo o nordeste), ele segue dizendo:

Procuro me aproximar deles com as histórias, os mitos, os personagens, as cobras as pedras o planalto secos e frio de minha região parda, pedregosa e empoeirada. Esta visão ardente- grosseira e harmoniosa, ao mesmo tempo- é o cerne para onde se dirige meu trabalho de escritor. (SUASSUNA, 2002, p. 26)

Suas obras têm influências do erudito com misturas sertanejas fortes, ambas com o que de mais precioso a seus olhos, ele pudesse mostrar, e através desta junção revelar que a forma se renova, o cânone estereotipado como norma, se esbarra nas novas e reconstruídas formas. Para Suassuna não é deixar de lado os grandes mestres literários, nem desconsiderar o cânone, e sim, autor, forma e normas, novo e erudito, juntos transformando textos adormecidos, aproximando-os do leitor contemporâneo.

*O Santo e a Porca* é uma peça teatral, do gênero comédia, escrita por Ariano Suassuna em 1957 e aborda o tema da avareza. É uma comédia em três atos que poderiam ser estruturados da seguinte maneira: o primeiro ato, apresentação do problema e das personagens; o segundo ato, complicação da situação, ponto de tensão; o terceiro ato, desenlace e desfecho. Aproxima-se da literatura de cordel e dos folgedos populares do Nordeste. Portanto uma obra baseada no erudito mas autenticamente popular, por se aproximar cada vez mais do público na identidade dos personagens, espaço e peculiaridades do cotidiano.

*O Santo e a Porca* como já afirma o seu subtítulo: “uma Imitação Nordestina de Plauto”, é uma adaptação da obra *Aululária* de Plauto, escritor latino do período antes de Cristo. (em latim *Aulularia* quer dizer “a comédia da panela”). Nesse caso, percebe-se que a obra de Suassuna coaduna com as palavras de Trevizan (2014, p. 135), quando afirma que: “Ora a peça moderna brasileira “herda” de Plauto importantes elementos estruturais que remontam, na verdade, aos modelos gregos do dramaturgo romano”.



De acordo com Trevizan, na peça *Aululária*, o protagonista é "Euclião", que encontra uma panela de ouro deixada por seu avô. Esse achado aliado ao casamento de sua filha com um velho rico origina o mote central de um texto cheio de encontros, desencontros e ambiguidades. Ariano adaptou o texto de Tito Márcio Plauto, mas desenvolveu uma releitura dentro do contexto nordestino da literatura de cordel e criou uma trama mais complicada, com peculiaridades que só um nordestino tem.

*O Santo e a Porca* é um texto escrito para teatro, bastante fácil, mas é preciso prestar atenção nas indicações entre parênteses. Elas acabam fazendo o papel do narrador e dão o 'tom' da cena, característica peculiar dos escritos de Ariano, que traçava os rumos da peça com destreza, "(*Abre a porta, numa alegria satânica*)" (SUASSUNA, 2002, p.41) Como não atuar e dirigir sentindo que o próprio Ariano está ali, dando os motes de cena, a deixando com sua cara, alegre e forte.

Suassuna utiliza uma trama muito simples para tratar de algo mais complexo, como a relação do mundo material com o espiritual. O leitor deve perceber que o comportamento de Euricão lembra muito os conflitos barrocos de ordem religiosa. No entanto, esse conflito, inerente ao ser humano, chama atenção pelo fato de o personagem não desfrutar de sua riqueza. Fato este citado pelo próprio Ariano na apresentação da peça, quando diz:

Não tem sentido, portanto, dadas as característica de meu teatro, dizer como diziam alguns críticos ilustre, que é inverossímil que um avaro ignore uma operação bancaria e perdesse, assim, seu tesouro. Em primeiro lugar, mesmo que isso fosse impossível na vida, não o seria em meu teatro,[...] (SUASSUNA, 2002, p. 25)

E continua citando as peculiaridades que ultrapassam os conceitos de certo e errado, mas que na identidade sertaneja, tudo se torna possível. Quando conta um "causo" ocorrido em sua própria família,"[...] foi em Taperoá, com uma pessoa avarenta, por sinal pertencente à minha família "(SUASSUNA, 2002, p.26). Fato que na literatura para algum crítico pode parecer não verossímil, mas para realidade sertaneja de um avaro assumido, é uma verdade, e não só na família de Ariano como também em outros relatos do sertão, o fato de guardar dinheiro que não tem valia, já ocorreu em várias situações. Como diz Ariano; se não na vida real, "e sim", mas em sua literatura, tudo é possível.

É bebendo no erudito, nas taças de Plauto e sua obra *Aululária*, que surge a inspiração para esta obra tão rica em detalhes, que incorpora o cordel, as anedotas, os causos e os provérbios, todo um conjunto de riquezas populares, capazes de transformar o velho em novo com tempero de sertão, pitadas de erudição nas mexidas de Ariano Suassuna, que o fez com primazia ao escrever “O Santo e a Porca”.

Na trama, Suassuna narra à história de um velho avaro, conhecido por Euricão Árabe. Ele é devoto de Santo Antônio e esconde em casa, uma porca cheia de dinheiro. A história é muito divertida, mistura o religioso e o profano, a esperteza transformada em heroísmo, o amor perdido que se renova e os amores impossíveis que se constroem.

Apesar de engraçada, a obra possui um fundo filosófico, o que não pode passar despercebido. O texto não se sustenta só com o riso, mas, sobretudo, pela visão crítica, como cita o próprio Suassuna (2002 p 25) “Considero-me realista, mas sou realista não a maneira naturalista – que falseia a vida – mas a maneira de nossa maravilhosa literatura popular, que transfigura a vida com imaginação para ser fiel à vida.”

Nos risos oferecidos pela astúcia do autor, estão peculiaridades reais do sertanejo, a avareza, a fé, a necessidade de crescer na vida, de amar, vemos tudo isso nesta obra.

As personagens estão intimamente ligadas ao enredo, e vice-versa. Estas são as duas forças principais que regem um texto. São elas: Euricão "Engole Cobra" ou Eurico Árabe; é o protagonista da peça, Margarida filha de Eurico, Benona irmã de Eurico, a porca e o Santo Antônio, símbolos do religioso e do profano, Dodô filho de Eudoro e o amor de Margarida, Caroba é funcionária de Eurico, Pinhão é o parceiro de Caroba e Eudoro é fazendeiro rico e pai de Dodô.

Nessa obra, podemos observar a utilização de personagens-tipo, que significa personagens com características comuns, de fácil identificação com o leitor, nos quais são ressaltadas determinadas características para criar um ambiente cômico. Dodó é o apaixonado que faz qualquer coisa para ficar com sua amada, Margarida, que age da mesma forma; Euricão é o avaro e, ao mesmo tempo, o religioso, pois ele questiona-se o tempo todo sobre o que seria mais importante para ele - seu dinheiro ou Santo Antônio; Eudoro é o velhaco que quer casar-se para evitar a solidão e que julga que seu dinheiro é suficiente para garantir um bom casamento;

Benona é a eterna apaixonada; Caroba é a esperta, a articulista das ações do texto, é uma personagem com traços picarescos como veremos nas análises mais a frente. E Pinhão, com seus ditados populares, é a voz do povo dentro da peça.

A história se dá no sertão, a peça ocorre em um lugarejo, um ambiente urbano, onde um velho avaro chamado Euricão Árabe vive e é em sua casa que ocorre as cenas da Peça, Euricão mora com a filha, Margarida, a irmã Benona, sua astuciosa criada Caroba e um novo empregado do armazém chamado Dodó Boca-da-Noite (que, na verdade, é o filho de Eudoro disfarçado para poder ficar perto de Margarida). Eudoro recebe Margarida em casa e, por ela, desperta um enorme desejo de sair da solidão. Então resolve tomá-la como esposa, achando que por ser rico conseguiria a mão da moça com pai dela, Euricão.

Eudoro não sabia que a visita de Margarida não era por acaso, e que já existia um interesse do seu filho Dodó por ela e vice versa. Mas Dodó, por ser filho de rico fazendeiro, estava destinado aos estudos em Recife e seu pai não aceitaria que seu único filho rejeitasse o estudo, mas ele desiste, e vai trabalhar escondido, de ajudante, no armazém de Euricão, devidamente disfarçado.

O romance entre os dois jovens ocorre às escondidas, até que Pinhão chega na casa de Euricão com um bilhete, deixando todos atordoados. Euricão, por achar que Eudoro queria seu dinheiro escondido, Dodó e Margarida pelo medo de que seu pai descobrisse seus planos e proibisse sua união. Neste momento, regado de divina comédia, as súplicas, apelos e devaneios de Euricão dão o tom cômico ao primeiro ato, como vemos:

EURICÃO — E que idéia foi essa de que eu tenho dinheiro? Você andou espalhando isso! Foi você, Caroba miserável, você que não tem compaixão de um pobre como eu! Foi você, só pode ter sido você!

CAROBA — Eu? Eu não!

EURICÃO — Ai, meu Deus, com essa carestia! Ai a crise, ai a carestia! Tudo que se compra é pela hora da morte!

CAROBA — E o que é que o senhor compra? Me diga mesmo, pelo amor de Deus! Só falta matar a gente de fome!

EURICÃO — Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar! Mas Santo Antônio me protege!

PINHÃO — O senhor pelo menos leia a carta!(SUASSUNA, 2002, p. 34)

A carta anuncia a chegada de Eudoro e a intenção de pedir a Euricão seu precioso bem. Que para Euricão seria sua estimada 'Porca', então se valia e rogava a Santo Antônio, proteção e iluminação para que pudesse achar uma solução e não perdesse seu dinheiro. Nos bastidores da casa se desenrolava o motivo verídico,

que seria a descoberta do romance dos filhos, e a verdadeira intenção de Eudoro em sair da solidão com Margarida. Aqui entra a criada Caroba com sua esperteza, e a intromissão sempre regada de provérbios de Pinhão, que é noivo de Caroba e pretendem construir uma vida juntos.

Caroba logo engendra um plano, e diz para Eurico pedir dinheiro a Eudoro, antes que este lhe pedisse dinheiro emprestado. O valor seria um vale de vinte contos, afirmando assim que ele não tinha dinheiro e que estava passando por necessidades financeiras, surgindo aí, com esta ideia de Caroba, uma negociação na qual ela receberia uma porcentagem sobre os vinte contos:

Euricão: Ai, é mesmo! E se ele não emprestar,

Caroba? Caroba: Ah, ele empresta! Vou dar um jeito nisso. O senhor me dá uma comissão?

Euricão: Se você arranjar os vinte contos? Dou.

Caroba: Quanto?

Euricão: Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem. (SUASSUNA, 2002, p. 52)

Entre negociatas e astúcias de Caroba, não esquecendo das súplicas e apereios de Eurico, que a trama torna em especial neste primeiro ato, o cômico como mote principal de um drama. O drama do avarento Eurico que teme a descoberta do seu tesouro escondido em sua porca de madeira, herdada de seus parentes que há anos já juntavam esse dinheiro. Eurico, em seu suplicio, reza, clama por Santo Antônio em voz alta, e é nessas súplicas que seu segredo é descoberto por Pinhão, que tenta a todo custo usurpar a bendita porca.

Já Caroba, traça outra estratégia para ajudar Dodó e Margarida em sua história de amor, seu plano era juntar Benona, irmã de Euricão, com Eudoro que, na mocidade já tivera um romance com ela. Ela o havia rejeitado, por ser puritana demais e não aceitar certas coisas antes do casório, então Eudoro casa com outra, mas fica viúvo e Benona guarda dentro de si em seu 'caritó' um amor por Eudoro. Juntando tudo isso Caroba trama unir Eudoro e Benona, tirando Margarida da história de solidão de Eudoro e preenchendo com Benona.

Depois de muitos planos, no segundo ato, tudo se complica, em um esconde-esconde para que pai não visse o filho e vice-versa, para que Eudoro não visse Margarida e o plano de Caroba funcionasse, um clima de comédia ainda estava forte

mais regado de uma espécie de ação furtuita onde tudo girava em torno do plano de Caroba. As muitas escondidas, gerou ciúmes tanto em Pinhão quanto em Dodó, por acharem que Margarida e Caroba estavam armando nas costas deles, mas nada disto acontecia.

O plano de Caroba deu certo, os dois casais conseguiram se acertar, já lá no terceiro ato; Pinhão consegue roubar a porca, Eurico fica louco, Pinhão sabe que cometeu um erro e neste momento, é trazida uma forte realidade social na fala de Pinhão quando diz:

Pinhão: Um momento, me solte! Vá pra lá! Eu confesso que furtei essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar à polícia. Eu morro e não digo onde ela está! Todo mundo fala em furto, em roubo, e só se lembra da porca! Está bem, eu furtei a porca! Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se faz! Mas onde está o salário de todos estes anos em que trabalhamos, eu, meu pai, meu avô, todos na terra de sua família, Seu Eudoro? Não resta nada! Onde está o salário de Caroba durante o tempo em que ela trabalhou aqui, Seu Euricão? Seu Euricão Engole-Cobra? (SUASSUNA, 2002, p. 147-148)

Após trazer todos que estavam envolvidos no momento, à realidade, Pinhão tenta negociar com Eurico a devolução da porca para que os dois ganhassem no final, quando vemos:

Pinhão: Nós não temos nada! A coisa que a gente mais deseja na vida, eu e ela, é casar! Até agora, não pudemos. Onde está a minha porca? Ninguém diz nada! Pois bem, proponho um acordo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a Seu Eurico? Eu entrego a Porca por esses vinte contos.(SUASSUNA, 2002, p 148)

Temos tudo posto na mesa, os planos, os medos, os amores, os temores de Eurico, sua Fé e sua Porca. Margarida o convence a aceitar, ele protela, resmunga e suplica a Santo Antônio, mas aceita. Depois da negociação Eudoro traz a grande verdade sobre a avareza do amigo, o dinheiro não tinha valia, já tinha passado seu prazo e os bancos não o trocavam mais, a santa Porquinha de nada valia.

Eurico logo se coloca na realidade e percebe que os planos para vida eram outros, que Santo Antônio não o ajudara a proteger o dinheiro, mas aguardava aquele momento pra lhe mostrar que o que valia mais era sua fé e o seu santinho, como vemos em “O Santo e a Porca”( p,151): “Euricão: Está bem, eu acredito. Foi uma cilada de Santo Antônio, para eu ficar novamente com ele.” E reafirma no final da peça dizendo:

Bem, e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem sentido? Que quer dizer isso Santo Antônio? Será que só você tem respostas? Que diabo que dizer tudo isso Santo Antônio? (SUASSUNA, 2002, P 153)

Estas indagações trazem à peça, aquele sentido de ensinamento filosófico do qual falamos anteriormente, traço de Ariano em suas obras. Dentro do cômico pode sim ter pitadas de filosofia, de questionamentos e aprendizados de vida. E como diz um bom nordestino “Se aprende apanhando”, foi assim com Euricão, perdendo seu dinheiro encontrou conforto na fé, viu que ao redor de sua avareza tudo se desenrolava, sua filha e sua irmã arrumaram um bom casamento com o rico Eudoro e seu filho Dodó, Caroba se ajeitou com Pinhão com um dinheirinho pra começar a vida. E tudo termina bem quando Ariano Suassuna fecha os ‘Panos’ ao final.

## 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO HERÓI

Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986), define-se o termo herói como um homem extraordinário pelas suas qualidades guerreiras, triunfo, valor ou magnanimidade, no entanto surge a necessidade de se conhecer melhor de uma forma mais concisa quais tipos de herói e seu papel na literatura.

É justo dizer que o herói sempre teve seu espaço garantido na história da humanidade, nas lendas e contos transmitidos oralmente de geração em geração. Essas histórias orais influenciaram a literatura escrita e também a vida real assim como esta foi influenciada por aquela. O surgimento de cada novo herói vem a partir de uma necessidade espiritual ou atribuições físicas e emocionais de um povo.

Podemos dizer que o conceito de herói está intimamente ligado à sociedade que o criou, bem como à época de sua criação. Isso porque as qualidades inerentes a um determinado herói devem estar intimamente ligadas aos valores de sua época e às necessidades de um povo.

Os primeiros heróis foram os clássicos, caracterizados por sua intelectualidade e bravura, coragem e estratégias, que sempre eram bem sucedidas, sempre abertos a adquirir sabedoria ao longo de sua jornada. Dessa forma, estava sempre em um nível mais alto que os outros homens, buscando sempre trazer ao

seu povo, a vitória e a glória, sempre colocando sua missão e seu povo a frente de si mesmo. Sobre as perspectivas do herói Campbell (1997, p. 18) diz:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.

Portanto, o mundo necessita de heróis e deuses, havendo uma conexão entre ambos, um preceito divino para o homem que segue a uma jornada repleta de bravuras, com vemos nos heróis épicos, este homem que se distancia de tudo em rumo a um propósito maior. Este mesmo pensamento é perceptível em Bakhtin, ao dizer que:

O homem dos grandes gêneros distanciados é o homem de um passado absoluto de uma representação longínqua. Como tal, ele é inteiramente perfeito e determinado. Ele é concluído num alto nível heroico, mas está desesperadamente pronto, ele está todo ali, do começo ao fim, ele coincide consigo próprio e é igual a si mesmo. Estas particularidades do homem épico, partilhadas basicamente por outros gêneros distanciados elevados, originam a beleza excepcional, a coesão, a claridade cristalina e o polimento literário desta representação do homem (BAKHTIN, 2010, p. 424).

Estes são traços de um herói épico, quando os gregos foram os primeiros a definir o protagonista conhecido como um herói épico. Estes são os heróis de uma tragédia que evocam na audiência uma sensação de heroísmo e lendária sabedoria inspiradora. A primeira forma de herói existente na literatura foi o épico, trazido a tona pelo grego Homero, como as obras *Odisseia* e a *Ilíada*, que contêm esses heróis e ações maiores que a vida.

Podemos dizer, segundo a concepção mais antiga, que o herói é aquele que conquista a admiração pelos seus feitos e sua coragem, e, além disso, ganha o afeto do seu povo pelo seu caráter. O verdadeiro herói deve sempre lutar para estabelecer e garantir a ordem para proteger a sua nação, deixando de lado o seu próprio eu e sendo o que, historicamente, está destinado. Nesse contexto, Campbell afirma:

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos[...].O

herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno  
(CAMPBELL, 1997, P 12)

O herói nasce para o povo, e se consolida na literatura com aspectos variados, sejam ligados aos Deuses, as dores humanas, ou a sua própria dor como impulso ao heroísmo, ele nunca desiste e vai além. Campbell (1997, p. 12) completa dizendo: “Ele é o herói do caminho do pensamento de bom coração, dotado de coragem e cheio de fé no fato de que a verdade, tal como ele a conhece, nos libertará.” É este herói clássico que inspira até hoje as construções literárias no mundo, os que independente de como, quando e onde, estão sempre em busca de um propósito que proporcione o bem.

Com o tempo o herói se torna menos mitológico e passa a ser mais humano e, dessa forma, se aproxima mais do leitor, por que tem características mais próximas da realidade. Este herói deixa de ser divino e, aos olhos do leitor/expectador, passa a construir um processo de identidade, aproximação do ser herói e do ser humano.

Segundo Campbell (1997, p. 32) em outro tipo de herói vemos no grande filósofo Aristóteles o primeiro a definir o “malfadado protagonista como um herói trágico, ou herói defeituoso”. Aristóteles sugeriu que um herói de uma tragédia deve evocar uma “sensação de piedade ou medo do público”. Além disso, o herói trágico tem que ser “alguém cujo infortúnio é causado não por vício ou depravação”, mas por algum erro ou destino. Até hoje, a literatura é inundada com o uso desse tipo de protagonista.

Este tipo de herói traz a verdade do sentido humano alguém que comete erros. Na literatura, os gregos traziam o orgulho como este defeito do herói. Portanto, para um texto ser bem aceito pelo público/expectador, é preciso que este tenha uma identificação com o herói. Quanto mais humana a feição do seu herói, mais provável será a identificação. É preciso que ele tenha suas qualidades louváveis e desejadas pelo espectador e ao mesmo tempo possua fraquezas que o tornem mais humanos e mais próximos, para essa aproximação com o leitor Bakhtin afirma:

romancista precisa de alguma espécie de máscara consistente na forma e no gênero que determine tanto a sua posição para ver a vida, como também a posição para tornar pública essa vida.” (BAKHTIN, 2010, p. 277).



O herói precisa ter em si algo que o aproxime do leitor, cabendo ao autor o discernimento para encontrar os caminhos de aproximação, a posição ideal as formas e modos que devem compor o herói, para que ele não se perca na obra.

Os heróis clássicos são pessoas normais, exceto por terem um grande talento. Eles geralmente possuem um atributo ou qualidade que os distingue das pessoas comuns, tornando-os um herói. Às vezes, isso é uma grande habilidade, mas outras vezes é uma qualidade de caráter, como coragem, honestidade. É importante lembrar que os heróis clássicos possuem algo que os outros não têm, mas são iguais em seus mundos, como afirma Campbell.

O herói composto do monomito é uma personagem dotada de dons excepcionais. Frequentemente honrado pela sociedade de que faz parte, também costuma não receber reconhecimento ou ser objeto de desdém. Ele e/ou o mundo em que se encontra sofrem de uma deficiência simbólica. (CAMPBELL, 1997, P 21)

A relação herói e sociedade é complexa, há sempre uma necessidade de cuidados e sempre este alguém que os cuide, aí fica o papel do herói, aquele ao qual a comunidade/sociedade recorre nos momentos de aflição, uma relação de dependência sem da mesma forma, ser suprido para o herói, que vive à margem desta sociedade.

Há contínua presença do herói como derivado dos gêneros trágicos e épicos e, em contrapartida, nos dominados, os ditos baixos; temos assim figura de herói baixo ou do anti-herói, próprio da classe popular e resultante dos gêneros cômicos e satíricos.

Os Anti-heróis surgem com traços que são muito incomuns ou impróprios para um herói. Eles exibem qualidades que estão mais de acordo com as características de um vilão. Com traços como presunção, imoralidade, rebelião e desonestidade, eles não são vistos com admiração. Como muitos dos outros heróis, os anti-heróis começam como pessoas comuns que são controversas e boas ao mesmo tempo. Um anti-herói, por definição, é um personagem central que não possui atributos heroicos convencionais. Esses personagens podem variar de uma pessoa boa com um vício não atraente para um mentor do crime que tem um coração de ouro.

O anti-herói vem quebrar paradigmas e romper com o retrato quase perfeito do herói tradicional. E no Renascimento, o romance picaresco ocupa lugar de

destaque na configuração de “personagens anti-heroicos, que são modalidades de pícaro” segundo (CANDIDO, 1970, p. 67), caracterizado com baixa ascendência social, fanfarrão, manhoso, mentiroso, valentão, trapaceiro até ladrão, marcado pelo contraste entre luxo e miséria, aristocracia e plebe, parecer e ser. Antônio Candido diz que o pícaro é:

O choque áspero com a realidade, que leva à mentira, à dissimulação, ao roubo, e constitui a maior desculpa das “picardias”. Na origem o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa; (CANDIDO 1970, p. 69)

Este pícaro, de origem simples traz traços bem próximos à realidade cotidiana. Longe da aristocracia, este tipo de herói surge das cinzas, com os poderes da sabedoria adquirida ao longo dos sofrimentos do dia-a-dia, as vezes usadas de forma a não parecer que possa ser um herói e sim um mero bandido ou até vilão,

Segundo Candido, foi nos romances espanhóis que este tipo de herói/ personagem surgiu com mais força, ganhando espaço na literatura mundial em especial na sátira seiscentista, francesa, inglesa como também na espanhola, reforçando o retrato do anti-herói. E define o termo pícaro da seguinte forma; “\_ o termo “pícaro” significando um tipo inferior de servo, [...], sujo e esfarrapado.” (CANDIDO 1970, p. 69)

A natureza do pícaro possui peculiaridades típicas do homem ou mulher, sofridos e maltratados pela sociedade, trazendo em si as mazelas sociais, e os traços de sua comunidade de origem, “Estes são dominados pelo senso do espaço físico e social, pois o pícaro anda por diversos lugares e entra em contato com vários grupos” Candido (1970) observa que esse tipo, é um herói que interage com o meio, tanto o seu meio social, quanto o dos mais abastados, e geralmente sofrem humilhações e privações e quando podem eles aplicava golpes naqueles que os oprime, usando as astucias. Tais características trazem ao personagem a identidade com o leitor, que reconhece e identifica cada ato tomado em suas ações heroicas.

## 2.2 A VISÃO DE HERÓI EM O SANTO E A PORCA

Nas obras de Suassuna, já são destacados em vários estudos os tipos de personagens e em especial seus heróis, em “O Santo e Porca” não seria diferente, Ariano traz dois personagens que carregam o estigma de inferioridade, mas também trazem o risível e o picaresco, deixando a peça intrigante, dinâmica e próxima a realidade sertaneja.

Mesmo sendo a obra de Ariano baseada em Plauto com a peça Aulularia, o mestre trouxe pra sua peça outras peculiaridades literárias de contexto mundial, como os personagens picarescos e seus heróis, dando a Caroba e a Pinhão esta missão de manter o risível e as astúcias dos heróis picarescos. Tudo isso com traços sertanejos que permitiram aos personagens o reconhecimento do público.

Ariano teve a astúcia de escolher para suas peças este estilo literário difícil de trabalhar, alvo das críticas, mas com a cara do sertão que se remete a identificação e reconhecimento do espectador/leitor. Inspirado em seu vasto conhecimento literário, na literatura francesa e espanhola, Suassuna faz desta estética algo novo e próximo do leitor brasileiro.

Os heróis picarescos de O Santo e a Porca são: Caroba que é empregada de Euricão Árabe, e cuida de sua casa, e Pinhão que trabalha para Eudoro. Ambos noivos, mais sem recursos pra construir uma vida juntos. Eis aí o mote para fazer desses dois, heróis picarescos.

Diferente dos heróis, nobres e fidalgos, Caroba e Pinhão surgem como dois marginalizados, de baixa condição e miseráveis. No entanto são personagens que presam pela vida, e o que mais os instiga é a luta pela sobrevivência, neste trecho Pinhão exterioriza para Eudoro e Euricão o que sente.

Pinhão: Mas onde está o salário de todos estes anos em que trabalhamos, eu, meu pai, meu avô, todos na terra de sua família, Seu Eudoro? Não resta nada! Onde está o salário de Caroba durante o tempo em que ela trabalhou aqui, Seu Euricão? Seu Euricão Engole-Cobra? (SUASSUNA, 2002 , p.148)

Temos aqui o exemplo, de que enfrentam batalhas diárias para superar as atribuições do dia-a-dia, não recebendo sua remuneração ou férias, sendo explorados no trabalho, ainda vemos ao final da peça o tratamento de Euricão para com Caroba sua funcionária:

Euricão – Adeus, escravos. Saiam. Saiam todos, escravos!

Caroba – Adeus, Seu Euricão.

Euricão – Adeus, escravos! (SUASSUNA, 2002 , p.152)

Não foi do acaso que a astúcia de Caroba e Pinhão foram tão bem traçada, a vida que lhes era dada não proporcionava dignidade e respeito, e como todos os heróis picarescos, apelam para o jeitinho, que aqui chamamos de brasileiro, mais que é típico das características destes personagens.

Podemos perceber que Caroba, apesar de ser uma pessoa que está abaixo economicamente e intelectualmente dos seus patrões, uma vez que a essas pessoas também não é dado o direito ao estudo, ela se apresenta com uma esperteza que o próprio Euricão não tem. Veja-se que tem momentos que o patrão se coloca nas mãos dela para poder resolver o assunto sem colocar em risco sua suposta fortuna.

É justamente a esperteza que mais caracteriza os pícaros, pois eles resolvem os conflitos e conseguem sair das situações com vantagem, pelo menos na obra de Suassuna. O interessante é que esses personagens são colocados de tal forma que acaba por ganhar a simpatia do leitor que passa a torcer para que seus planos deem certo.

São os típicos heróis de Suassuna, como João Grilo e Chicó em “O Alto da Compadecida”, temos Caroba e Pinhão em “O Santo e a Porca”, com o sofrimento individual, mas a gana de viver e sobreviver às mazelas da vida, com a esperteza rasgada, que de fato constituem os personagens picarescos de Ariano,

O pícaro em sua jornada, traz em si a dureza da realidade ao seu redor, e esta dureza os levam a mentir, a dissimular e roubar, traços de sua picaretagem, “o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa;” (CANDIDO 1970, p. 69).

A vida marginal destes heróis não os fizeram se revoltar contra sua posição, pois não nasceram pícaros, se tornaram pícaros com as experiências de sofrimento e vida, como diz Trevizan (2014, p.06), “todos estes sofreram de deficiências morais e, portanto, seriam objetos de riso, objetos estes historicamente utilizados com intenção de satirizar certos costumes”, aqui se revela a intenção de Ariano em suas peças de traços picarescos. Como vemos neste trecho em que falam da vilha porca, ainda sem saber de seu valor Caroba já mostra um pouquinho de sua astúcia, e Eurico os medos, súplicas e razões por seu amor a porca, razões estas ainda que disfarçadas, quando vemos:

CAROBA — Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

EURICÃO — (Arriando numa cadeira.) Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio!

CAROBA — Está certo, Seu Euricão, está certo! Diabo duma agonia danada! Deixe a porca de lado, ninguém toca mais nela! Que é que vale uma porca? O negócio agora é evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

EURICÃO — A facada? (SUASSUNA,2002, p. 50)

Caroba e Pinhão tentam a qualquer custo bolas as artimanhas para que Eurico caia em suas armadilhas:

EURICÃO — Ai! Caroba! Tenha compaixão de um pobre velho.

CAROBA — Mas é claro que tenho, Seu Euricão! Já pensei em tudo e vou defendê-lo contra esse urubu.

EURICÃO — Você vai, Caroba? Como?

CAROBA — O meio é contra-atacar com as mesmas armas. O senhor lhe oferece jantar, dá-lhe vinho, cerveja, e quando ele estiver bem entusiasmado para dar o golpe, o senhor dá nele primeiro.

EURICÃO — Como?

CAROBA — Pedindo vinte contos emprestados.(SUASSUNA,2002,p.51)

Aqui temos apenas um primeiro momento do plano de Caroba, que aparentemente tenta ajudar Eurico, mas já sabendo da verdadeira intenção de Eudoro, e seu plano se revela uma artimanha pra conseguir algum dinheiro:

CAROBA — Ah, ele empresta! Vou dar um jeito nisso. O senhor me dá uma comissão?

EURICÃO — Se você arranjar os vinte contos? Dou.

CAROBA — Quanto?

EURICÃO — Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem.

CAROBA — É pouco! Eu quero é dinheiro, Seu Euricão!

EURICÃO — Ai, ai! Ainda não tenho os vinte contos e já querem me roubar! Não dou, não dou de jeito nenhum.

CAROBA — Então, estou fora do negócio.

EURICÃO — Não! Preciso de você, Caroba, não me abandone!

CAROBA — Então me dê minha comissão.

EURICÃO — Quanto é que você quer?

CAROBA — Quinhentos. EURICÃO — Dou cinqüenta.

CAROBA — Estou fora!

EURICÃO — Cem. CAROBA — Estou fora!

EURICÃO — Cento e cinqüenta.

CAROBA — Estou fora!

EURICÃO — Duzentos.

CAROBA — Estou fora!

EURICÃO — E eu também! Estou fora, porque daí não passo de jeito nenhum! Estou fora!  
 CAROBA — Então eu entro! Fica pelos duzentos. Vou encomendar o jantar no hotel de Dadá. (SUASSUNA,2002, p.52)

Em uma disputa por esperteza regada de comédia, Caroba revela sua intenção com a artimanha, essa esperteza se mostra como astúcia para desvencilhar do sofrimento do dia a dia, da falta de comida para os empregados e do desrespeito pelo trabalhado, Caroba tem em si os motivos que teoricamente constituem um personagem picaresco.

Seus heróis trazem um sentido de luta histórica, a favor dos marginalizado, Ariano mostra com Caroba em especial, sendo uma heroína, feminina e picaresca, a sensibilidade, audácia e comicidade deste tipo de herói, Caroba une os dois casais com sua trama, consegue sua terrinha, e faz um bem danada para o amor entre Margarida e Dodó, Eudoro e Benona. Como vemos em Santos e Ramos que narra e essência de Caroba:

Em O Santo e a Porca, é Caroba quem incorpora esse espírito astuto e que enreda as ações: acerta encontros, promove noivados, combina empréstimos, se disfarça para representar outras personagens e consegue fazer tudo isso tendo em vista o ganho de um pagamento em dinheiro ou em pedaço de terra para que ela possa, enfim, casar-se com Pinhão.(SANTOS E RAMOS, 2015, pg. 11)

Suassuna traz um aspecto que se torna atual nesta peça. Porque não uma heroína nordestina, e picaresca ser uma mulher? Nossas heroínas da vida real, do cotidiano sertanejo são uma grande parte de mulheres guerreiras e marginalizadas, Ariano marca nesta obra seu traço na história colocando o universo feminino para se apossar de seu direito literal de ser mulher nordestina e picaresca, porque não! Principalmente ter o direito de refazer sua vida, como ela queira.

As peças de Ariano trazem no plano de fundo, pensamentos filosóficos e de vida, não podia ser diferente ao herói picaresco como vemos em Candido:

Como os pícaros, ele vive um pouco ao sabor da sorte, sem plano nem reflexão[...]. De fato, um elemento importante da picaresca é essa espécie de aprendizagem que amadurece e faz o protagonista recapitular a vida à luz de uma filosofia desencantada. (CANDIDO, 1979, p 69)

Os atos destes dois heróis, durante toda a peça, parecem ser injustificados, dando ao espectador/leitor a impressão de meros ladrões e golpistas, no entanto

possui em cada astúcia um sentido de luta por direitos que tornam Caroba e Pinhão cúmplices, onde também se percebe uma característica do pícaro nas obras de Suassuna, a cumplicidade de Chicó e João Grilo de Caroba e Pinhão trazem um sentido de união nas lutas onde o individual se torna dualismo, para assim conseguirem seus objetivos.

Se observarmos, essa dualidade na verdade representa a dualidade de todo ser, porque ninguém é totalmente bom ou totalmente ruim, também mostra que somos sempre dois, as porções positivas e negativas, somos compostos dos contrários que se unem para formar um todo. Até mesmo na perspectiva de o santo e a porca existe essa dualidade pois também têm perspectivas contrárias, é o sagrado e o profano que se fundem em Euricão, que adora o dinheiro (materialismo) e o santo (o sagrado).

Pinhão aparece na obra como alguém mais ambicioso, ciumento e safado, mas como Caroba o coração deste herói não é ruim, o pícaro de bom coração se revela neste trecho onde vai devolver a bendita porca:

DODÓ: Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me perdoe.

EURICÃO: Como é que você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

DODÓ: Espere aí! Apesar das circunstâncias serem um tanto esquisitas, o que aconteceu foi coisa sem importância! O que eu toquei nela foi muito pouco! (SUASSUNA, 2002, p. 137)

A confissão de Pinhão revela sua falha moral, que justifica ainda com esperteza e tenta de certa forma se safar do mal feito. O texto regado de comicidade, mostra que é no risível que se constrói o personagem e herói picaresco, e temos tanto em Caroba quanto em Pinhão estes aspectos cômicos de picaretagens, que fazem de *O Santo e a Porca*, um bom exemplo do risível e do picaresco nas obras Suassunianas.

### 3 PECULIARIDADES DA OBRA, UM OLHAR ANALÍTICO

#### 3.1 INTERTEXTUALIDADES

Para entendermos o termo intertextualidade teremos que levar em conta a trajetória histórica e outros conceitos existentes como: dialogismo. O conceito de dialogismo é visto na obra de Mikhail Bakhtin, teórico russo que estudou o conceito em suas diversas manifestações na linguagem.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, ]? [ em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1988 apud FIORIN, 2006, p.18)

O fenômeno intertextual se dá naturalmente em qualquer forma de discurso, na interação de ideias que se reporta na forma oral na escrita e nas demais formas de arte. O processo de construção da arte no mundo que nos cerca é repleto de intertextos, seja na música, na literatura, e nos mais variados campos, cabe somente o conhecimento profundo para que o possamos perceber e identificar. De acordo com Fiorin:

O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. [...] Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que o circundam. (2006, p.19)

O diálogo pode ser considerado como a primeira experiência vivenciada entre duas ou mais pessoas em um determinado ambiente, a oralidade construiu o processo da escrita que surge para registro efetivo dos discursos orais passados de geração para geração, surgindo historicamente uma referência literária, que inspira e permite o contínuo relato, existente até hoje.

As obras de Suassuna são sempre carregadas de dualismos e intertextualidades, e não seria diferente nesta que ora analisamos, a qual traz em, uma fina ligação entre a obra moderna de Ariano, com a obra plautiana clássica, Aulularia, uma vez que são declarados pelo próprio autor, os traços peculiares que



as aproximam. Nesse sentido, Irei retratar alguns pontos intertextuais e pontos de dualismo dentro da obra.

Dentro do próprio contexto do armorialismo, temos o resgate o erudito para uma nova construção literária moderna com traços nordestinos, esta definição permeia as artes armoriais como um todo. Para tanto, neste contexto Ariano resgata a obra de Plauto e a recria com novas margens de visão, em um novo, tempo e espaço, em realidade totalmente diferente, como bem observa Trevizam (2014, p. 138) “Observamos então que se mantêm importantes estruturas na passagem do contexto antigo e romano para o moderno e brasileiro, ou nordestino, como prefere Suassuna com maior precisão”.

Com isto Ariano traz para sua obra o risível, o picaresco, os temas de cordel como o *Cavalo que defecava dinheiro*, obra de Leandro Gomes de Barros e que Ariano coloca em o *Auto da compadecida* como ogato que descomia dinheiro. O enterro da Cachorra que também é um título de cordel e que o dramaturgo também dá vida na mesma obra, além do próprio personagem João Grilo que é um dos personagens mais conhecidos da literatura de cordel justamente pela inteligência e por suas peripécias perante a classe dominante. Além de temas como o cangaço e outros, cordéis e provérbios populares, além de outros elementos, trazidos para aspectos mais próximos do populário regional, onde a sacralidade típica do sertão é expressão de misticidade. Traz Anjos e santos em varias de suas obras, até o dialogo com eles como em “O Alto da Compadecida”. No entanto são vários os aspectos de identidade nordestina, unidas a erudição proposta pelo armorialismo percebido nos textos de Suassuna.

No caso da obra de Plauto com a obra aqui estudada, para encontrarmos a similaridades de ambas comecemos pelos personagens. Temos em Aulularia de Plauto Euclião que se transforma em Euricão na comédia ariana e que ainda possui uma relação cômica com “Eu ricão”, “Fedra ” se assemelha à Margarida, “Licônides” a Dodó, “Megadoro” remete ao personagem Eudoro, “Eunômia” que aproxima-se de Benona, “Estáfila” de Caroba e Estróbilio” de Pinhão. Existe uma sonoridade em alguns dos nomes algo que também os aproximam.

Segundo Trevisan; Aulularia significa “Panela”, e o protagonista é “Euclião”, de origem simples, encontra uma panela de ouro deixada por seu avô. ‘Esse achado’ aliado ao casamento de sua filha com um velho rico Megadoro, origina o mote central de um texto ágil cheio de encontros, desencontros e ambiguidades.

Em *Aulularia* Fedra filha de Euclião é violentada por Licônides filho de Eunômia que é irmã de Megadoro o rico solteirão, ela engravida, mas é acobertada pela serva Estáfila que ajuda a esconder a barriga para que o pai não descobrisse. Eunômia, por inspiração do deus, “Lar” protetor da casa de Euclião, sugere a Megadoro que se case, este resolve se casar com uma mulher mais simples, Fedra. No terceiro ato surge os preparos do casamento, e Licônides manda seu servo Estróbilo para investigar o que acontecera, Megadoro percebe a presença de Estróbilo, fica receoso e logo vai esconder a panela com ouro no templo da Deusa Bona Fides (Boa-fé para os romanos), esta panela já era herança de gerações passadas, mas mantida em segredo pelo pai de Euclião por isso que este não sabia de sua existência, acreditando nela achado.

Euclião destrata e espanca Estróbilo, que resolve se vingar roubando o tesouro dele. Estróbilo conta a seu amo Licônides, que pede que seu servo devolva o objeto. Logo a barriga de Fedra aparece e ela deseja casar-se com seu agressor, mas para a sociedade romana uma moça pobre e sem dote não poderia se unir a um jovem de boa família, a jovem pede auxílio aos deuses. Licônides que sentia algo por Fedra confessa a sua mãe o que fizera e ela tenta reverter a situação, convencendo Megadoro a ele mesmo sugerir esta nova união. Trevisan resume o final desta história pontuando sua ideia por sobre o final, que ao longo dos anos sofreu inúmeras mudanças e não tem um desfecho considerado pela crítica, dizendo:

Se a reconstrução hipotética de Codrus Varceus, não recobre infalivelmente todas as possibilidades conclusivas da peça plautina original, ao menos, por seu argumento e pelos esquemas compositivos da “Comédia Nova” grega, que o autor romano antigo retoma, parece bastante plausível aguardar para o fim da *Aulularia* a boa resolução dos conflitos, ou seja, o casamento de Fedra com seu malfeitor e a devolução compensatória da panelinha roubada a Euclião. (TREVIZAN, 2014, p. 139/ meus grifos)

Tornou-se necessário aqui, apresentar o enredo da obra de Plauto para que fossem identificados os traços de intertextualidade existentes entre ela e a obra de Suassuna, que adaptou o texto, mas desenvolveu uma releitura dentro do contexto nordestino da literatura de cordel e criou uma trama um pouco mais complicada. Essa intertextualidade vai além de uma associação aos personagens e algumas situações, como o cenário da obra, a casa de Eurício é o próprio templo de Santo Antônio assim como o templo de Bona Fides, o bosque de Silvano em Plauto seria o

hotel de Dadá. Mercado seria o fórum, sem esquecer da temática da avareza humana, assim como o tema filosófico antes falado entre a relação do material com o espiritual. Há vários pontos de intertextualidade em toda peça, e alguns outros que não estão propriamente dentro do texto, porém surgem claramente ao analisarmos.

Nos aspectos literários, vemos aspectos que se tornam intertextuais, por trazerem novos horizontes e dar abrangência na análise da obra, como os conflitos barrocos de ordem religiosa, por exemplo, que são revividos pelo personagem Euricão: Nesse sentido, vemos que Euricão Árabe terá de escolher entre a loucura e o discernimento, a ilusão e verdade, entre o santo e o profano e as representações do espiritual e material que são naturais do ser humano. Ainda percebemos na peça, o caráter moralizador que é típico do mundo e dos textos católicos, Euricão sente-se obrigado a escolher entre o material (dinheiro) e o espiritual (Santo Antônio).

Podemos perceber na obra de Ariano uma série de dialogismos e correlações. Quando Euricão sendo Árabe é associado a avarento, esta associação faz parte do folclore de estereótipos e na literatura, Árabes e Turcos são consideradas pessoas que guardam dinheiro e são preconceituosamente associados à ganância e avareza, Ariano usa isso na peça de forma muito sutil e engraçada.

Vemos outro aspecto na peça, que seria o “Quid Pro Quod” que significa “um pelo outro”, conhecido pelo universo sertanejo com quiproquó. O quiproquó na peça se dá em diversos momentos, como: truques e armadilhas bolados por Caroba e Pinhão, por exemplo, quando Benona se veste de Margarida e Caroba de Benona uma confusão tamanha, tudo para enrolar Eudoro como vemos no trecho a seguir:

VOZ DE EUDORO — Margarida!  
 CAROBA — Já vou, espere um pouco! Diabo de homem mais apressado!  
 (Bate no quarto de Benona, cantando como gia.)  
 CAROBA — Tia Benona! Tia Benona! Crote, crote, crote, tia Benona!  
 BENONA — (Saindo.) Ave Maria, estive em tempo de me acabar de medo!  
 CAROBA — Não perca tempo, que o homem está aí!  
 BENONA — Meu Deus!  
 CAROBA — Tome o vestido! Me dê o seu! Logo, mulher!  
 VOZ DE EUDORO — Margarida!  
 CAROBA — Já vou! Isto, agora, fique aí e espere. Me dê a chave do quarto.  
 BENONA — Pra quê?  
 CAROBA — Não discuta mais, mulher de Deus! Vou abrir!  
 BENONA — Está bem, mas não saia daí! (Entra no quarto e CAROBA tranca-a, vestindo rapidamente o vestido dela.)  
 CAROBA — Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar vestido!  
 (SUASSUNA, 2002, p 126)

Outro aspecto que chama atenção, nesse sentido, é quando Dodó se veste maltrapilho e corcunda para não ser reconhecido e deixa de ser menino rico passando a ser mero servente de Euricão.

CAROBA — É deixar as coisas como estão. Se o senhor tiver habilidade, pode ser que seu pai não o reconheça, pelo menos hoje. Quando ele chegar, já é quase noite. Com a corcova, a perna curta, a barbicha e a boca torta, o senhor bem que pode passar por outro. Então a gente vê o que faz, examina tudo, vê se é casamento mesmo e pode então partir daí para resolver tudo. (SUASSUNA, 2002, p. 46)

Outro momento interessante é quando no jantar é servida carne de porco e Euricão em sua agonia só fala de sua porquinha, tendo aí uma inversão de uma pela outra. Como vemos neste exemplo da obra:

EURICÃO — Ovi esse tal de Pinhão gritar.  
 PINHÃO — E eu gritei mesmo, Seu Euricão.  
 EURICÃO — O que foi que você gritou?  
 PINHÃO — Gritei pela porca!  
 EURICÃO — Está vendo, ladrão? É um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue. O que é que você quer com minha porca?  
 PINHÃO — Quero comer, Seu Euricão!  
 EURICÃO — Comer?  
 PINHÃO — Sim, comer, a porca que Seu Dadá mandou para o jantar e que chegou agora!  
 EURICÃO — A porca? O jantar (Entendendo e disfarçando.) Ah, sim, naturalmente, a porca! Assada ou cozida, Pinhão?  
 (SUASSUNA 2002, p. 88)

Muitos momentos da obra possuem bons exemplos de quiproquó, deixando a peça mais dinâmica e cômica. Existe também outros pontos de intertextualidade como a simbologia compara entre Alularia ou a panela de ouro, o Deus Lar, a lareira, o templo da fidelidade, o bosque de Silvano, nos objetos de avareza temos a panela de ouro. Em o Santo e a Porca temos os correspondentes o Santo Antônio, a sala da casa, o porão, o hotel de Dada, e os objetos da avareza, o Santo Antônio e a porca de madeira.

Ariano Suassuna se inspira em Plauto com uma distância de dois milênios, e permite que o tema da avareza, mesmo um mote antigo, se torne atual, pois faz parte do imaginário e folclore nordestino, que é transmitido de nova forma. Ariano se revela inovador, espirituoso, engraçado, demonstra consciência sobre seu papel cultural, fazendo contrapontos, peripécias e quiproquós, com a destreza de um grande maestro.

### 3. 2 O RELIGIOSO E O PROFANO

Para que possamos definir e entender mais sobre o conceito de sagrado e o profano, dois teóricos devem ser vistos, Émile Durkheim (1858-1917) e Mircea Eliade (1907-1986), estudiosos que foram a fundo nas pesquisas pertinentes a definição de ambos os conceitos.

O sagrado e o profano são dois conceitos de oposição extrema, que sequer fazem parte de um mesmo domínio. Segundo Émile Durkheim (1912). Apesar de conceber a possibilidade de um objeto ou um ser que antes fizesse parte do domínio do sagrado possa se transferir e passar a fazer do domínio do profano (e vice-versa), o movimento só pode ocorrer quando há uma transferência total e completa desse objeto. Em hipótese alguma algo pode pertencer ao universo do sagrado e do profano simultaneamente, como afirma Émile Durkheim 1996:

Os dois mundos não são apenas concebidos como separados, mas como hostis e ciosamente rivais um do outro. Uma vez que não se pode pertencer completamente a um a não ser na condição de se ter saído inteiramente do outro, o homem é exortado a retirar-se totalmente do profano, para levar uma vida exclusivamente religiosa. (DURKHEIM, 1996, p. 43)

A partir de um conceito absoluto a autora marca sua posição acerca desta heterogeneidade, uma vez que não se pode dividir ou coexistir tanto o sagrado quanto o profano em um mesmo contexto ou espaço. O sagrado reina sobre tudo aquilo que pertence ao reino espiritual, enquanto o profano atua no mundo puramente material. "O sagrado e o profano foram sempre e em toda a parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada há de comum" (DURKHEIM, 1996, p. 42).

Não se pode esquecer, no entanto, que o que pode ser sagrado para uma pessoa pode não ser para outra, haja vista que esses aspectos dependem também das perspectivas culturais e sociais. Émile Durkheim e Mircea Eliade tem visões voltadas ao mesmo tema, no entanto Durkheim tem uma visão mais globalizada e próxima das visões de religioso vistas por Suassuna em sua obra, e mais próximas ao ver popular, respeitando as posições e opiniões de cada um.

Mircea Eliade traz a visão de que o sagrado está junto ao profano, esse conceito não pode ser compreendido individualmente, são binários e coexistem. Assim o sagrado passa a ter uma nova visão em ampla escala, se torna

extraordinariamente revelador no mundo físico a que pertence, e ao mesmo tempo está oculto, é a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”.” (ELIADE, 1992, p. 13) que tornam nosso mundo natural, profano e sagrado ao mesmo tempo. Ainda de acordo com Elíade, o sagrado e o profano "constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem" (ELIADE, 1992, p. 14): a vivenciada pelo homem religioso e a pelo homem a-religioso ao longo da história.

O homem religioso se destacará do homem não religioso. Terá a missão de dessacralizar os conceitos de mundo, tempo e espaço, que até então conheciam, isso tudo para se buscar em si uma nova vivência profana. Elíade nos mostra que essa situação é um pouco problemática e que por mais que o homem a-religioso se esforce para ter uma plena vivência profana, a herança religiosa é muito forte e presente em todos os âmbitos.

O homem a-religioso no estado puro é um fenômeno muito raro, dentro da sociedade moderna. A maioria dos “sem religião” “ainda se comportam religiosamente, embora não esteja consciente do fato. [...]. O homem moderno que se sente e se pretende a-religioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados”. (ELÍADE, 1992, p. 98)

A visão explicitada por Suassuna em suas obras irá, portanto, se aproximar mais ao exposto por Elíade, uma vez que a oposição extrema proposta por Durkheim é derrubada no momento da construção dos personagens em Suassuna. Neles percebemos uma união histórica, ou seja, manifestam simultaneamente ambas as vivências de forma singular e próxima, típicos da vivência humana retratados de forma peculiar na visão de Ariano.

Percebemos vários dualismos existentes em *O Santo e a Porca*, no entanto este a que nos referimos tem forte presença e correlações às vidas dos leitores, pois é neste ponto que Ariano traz sua visão social, crítica, e filosófica a peça. Como afirmam as teorias a respeito do sagrado e do profano, vemos que ambas existem separadas ou de certa forma interagindo entre si. A natureza humana e dualidade, viver entre altos e baixos, estar bem ou estar mal, ser bom ou ser mau, em cada aspecto em cada situação estamos expostos a nos revelar mais sagrados ou mais profanos.

Não é diferente na obra, uma vez que Euricão coloca os dois (o santo, e porca) em um mesmo patamar de importância. O personagem entra em conflito justamente por tentar unir esses polos opostos, o material e o espiritual e colocar em pé de igualdade uma porca de madeira cheia de dinheiro e a imagem de Santo Antônio. Não podemos ignorar também o fato de a imagem ser feita de madeira também, ou seja, do mesmo material do qual era feita a porca. Portanto, subliminarmente, há essa fusão do sagrado e do profano.

Nos personagens, vemos em Margarida a filha querida e recatada que esconde do pai seu amor por Dodó, e o vive às escondidas, mantendo a farsa de boa moça. Dodó, por sua vez, faz os mesmos com seu pai, filho rico para quem se espera um bom futuro nos estudos, abandona o sonho do pai de estudar na capital e disfarçado, vive trabalhando de ajudante de Euricão.

Logo vemos Eudoro, que se apresenta como bom pai, que espera pelo futuro de seu filho, mas esbanja arrogância, achando que seu dinheiro pode comprar um casamento com Margarida. Vemos Benona, esta de tão recatada não aceitou as investidas de Eudoro em seu tempo de namoro, e o perdeu depois dos anos passados se revela uma mulher “pra frente”, moderna e permite que Eudoro possa se aproximar a ela de forma mais íntima, revelando seu outro lado de mulher fogosa que quer amar.

Logo, temos Pinhão que é um homem sofrido, de aparência boba inicialmente, mas se revela revoltado e capaz de roubar para se dar bem. Caroba, a serva mal tratada, se revela astuta e sagaz, capaz de tramar as várias armadilhas da peça, ora se mostra preocupada, ora traiçoeira, dois lados de uma heroína picaresca que com suas peripécias tece a vidas de todos os outros personagens.

Todos estes personagens trazem aspectos humanos de dualismos, típicos do dia a dia da vivência, o bem o mal que normalmente existe em cada um de nós. No entanto, fica claro que a situação a que foram expostos de conflito extremo é que proporcionou, aos personagens, esta revelação íntima do seu eu profano, surge o caos na casa de Euricão e este caos traz revelações, e como afirma Eliade (1992)

À primeira vista, essa ruptura no espaço parece consequência da oposição entre um território habitado e organizado, portanto “cosmizado”, e o espaço desconhecido que se estende para além de suas fronteiras: tem-se de um lado um “Cosmos” e de outro um “Caos”, (ELÍADE, 1992, p. 21)

Ao mesmo tempo em que a casa de Euricão se torna este caos para trama e os personagens, a casa é para Eurico um espaço sagrado, o templo de Santo Antônio, o refugio para sua porca, que para ele também é sagrada. Esse aspecto também é visto pelo autor como vemos:

Existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não religioso, uma qualidade excepcional, "única": são os "lugares sagrados" do seu universo privado (Elíade, 1992, p. 18)

A casa foi herança de família, assim como a porca que nela já estava. Euricão se sente seguro, protegido pelo espaço, e pelo santo Antônio, representado pela imagem de barro, somente num momento de desespero seu caos pessoal vem à tona e ele que resolve escondê-la fora da casa, mais ao final é a este espaço de proteção que a sua porquinha retorna.

Aproveitando este ponto, podemos falar dualidade de Euricão na peça com relação ao sagrado e ao profano. Eurico o protagonista, traz na constituição do seu personagem a avareza, é um homem ganancioso e sovina, que guarda seu dinheiro em uma velha porca de madeira. Por outro lado é um homem apegado à fé em Santo Antônio, que sente ser seu protetor e mentor nas horas de aflição, aqui se destaca o conflito religioso da trama, como vemos em Santos e Ramos 2015:

Pode-se ressaltar, ainda, que, na obra teatral suassuniana, sobressaem os motivos religiosos, incluindo-se aí a crítica a certos vícios como a avareza, a preguiça e o adultério, o que levaria mormente à moralidade e que, diga-se de passagem, legitimaria a ideia de salvação e bem aventurança proposta pelo ideário cristão, ao explorar, de forma cômica, os meandros do capitalismo, da religião, da família e da moral (SANTOÉ, RAMOS, 2015, p.03)

Neste aspecto, temos em Euricão o homem que busca justificar sua ganância com a busca dá fé, em suas aflições. Em quase ponto de loucura Euricão busca desabafar ao santo o seu medo de perder a porca, é neste contexto que percebemos o dualismo fé e ganancia, o sagrado católico a partir da presença do Santo Antônio (santo casamenteiro e protetor daqueles que perdem algo de valor), representando o sagrado e a fé, a porca de madeira representa o profano, o que faz frente ao religioso, objeto de cobiça, representa a avareza de Euricão. O porco é o símbolo de impureza, de pecado, representa a avareza de Euricão, um dos sete pecados capitais; porca: (para os egípcios)



O sagrado está em varias perspectivas de visualização dos personagens, desde moça honrada e a velha puritana até chegar no homem que busca o santo em suas orações, mas que traz em si uma profunda ganância que o faz cegar, e se desesperar, quase que enlouquecer, “isso é um Louco”(SUASSUNA, 2002, p. 89) o que diz Dodó depois da raiva que Euricão o fez com o aperreio por causa da porca.

A porca traz o aspecto profano e materialista da ganancia de Euricão, nela se encontra os motivos principais dos atrapalhos e malfeitos entre Eurico e Pinhão, que também tem na porca seu ponto chave de ganância, porque via nela uma maneira de melhorar de vida. A porca, herança de antepassado, já traz em seu histórico a ganância e avareza da família que a guardava há gerações, sem sequer revelar em vida a seu descendente o que nela havia, o herdeiro só a descobria depois da morte de seu pai, passando assim o estigma da avareza e da superproteção da bendita porquinha.

O Santo Antônio (sagrado) quem traz os motes de racionalidade, de proteção e fé cristã. Nele, que Euricão se apega, porém sem sequer sentir que sua ganância o afasta da fé e do santo. Deixando para o desfecho da peça a mensagem filosófica de vida de fé.

É em meio aos conflitos entre Corpo x alma, matéria x espírito, terra x céu, que as dualidades entre sagrado e profano se constroem, este tipo de conflito traz o antropocentrismo “homem” e o Teocentrismo “Deus”, e como traço da literatura suassuniana.

Lembrando que a condição humana está diretamente ligada à vida mundana, o homem está associado ao pecado de forma interna e implícita, ou seja, o pecado, o ser pecador, são aspectos do intimo de cada individuo. É no momento da dor, da perda que o homem se volta para Deus, busca o rumo do sagrado e se reconcilia com a fé. Não sendo diferente com Eurico, que ao descobrir que seu tesouro não tinha valia por se tratar de dinheiro velho sem valor comercial e bancário, que ele se desespera:

EURICÃO — Bem, e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem sentido? Será que tudo tem sentido? Que quer dizer isso, Santo Antônio? Será que só você tem a resposta? Que diabo quer dizer tudo isso, Santo Antônio? (SUASSUNA, 2002, p. 153)

Solitário, só o que resta são suas indagações, seus questionamentos em relação a vida, sobre o sentido da vida, ao Santo Antônio se volta como resgate de

si mesmo, e entendo que seu erro foi a ganância, que o segou aos olhos do mundo, do seu pequeno mundo que era seu lar, seu espaço de proteção, que se torna caos, e no caos que seu mundo é destruído, mas é na fé ele busca alento.

### 3.3 ASPECTOS DE NORDESTINIDADE

Para conhecer melhor os motivos de Ariano se voltar aos aspectos de nordestinidade dentro de suas obras, precisamos conhecer um pouco mais do que o movimento Armorial.

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romancero Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a música de viola, rabeça ou pífano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romancero relacionados (Suassuna, 1974, p.7).

Na literatura, não podia ser diferente, em especial na literatura de Ariano que era exímio representante do movimento, defensor e propagador da arte armorial no mundo, com suas aulas espetáculo, em que podia expressar sua opinião e repassar um pouco de sua sabedoria, o ver e o viver nordestino, quebrando assim muitos tabus que a crítica artística impuseram ao movimento. O Armorialismo passa a ser visto com outros olhos, olhos indenitários pelos nordestinos, olhos curiosos e apaixonados, pelos leitores em todo mundo.

Uma das peculiaridades nesta obra, que remete ao nordestino é a relação de intertextualidade com os provérbios que apesar de ser um dito e ter origem popular, muitos foram tomados de empréstimos até pela bíblia, os sentidos dos provérbios são universais. Há na fala de Pinhão alguns ditos populares locais e regionais, e que o autor mostra um aspecto filosófico mesmo em uma pessoa que não tem estudo, o que não deixa de ser curioso na obra como: "1PINHÃO — Seu Dodó, eu só acredito que uma pessoa é doida quando ela começa a rasgar dinheiro. Com fama de doido, Zé Sabido enriqueceu", vemos em outros momentos; "2PINHÃO – É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo". "3PINHÃO- Pois adeus, Caroba. Quem gosta de dormente é o trem. (sai caroba Chora, mas logo enxuga suas lágrimas)" (SUASSUNA, 2002, p 141, 281), Pinhão não deixa por menos em vários pontos chega com suas perolas do dito popular.

Os aspectos religiosos dentro da peça, nas diversas vezes que Euricão roga e faz preces ao Santo Antônio, são características típicas do viver nordestino. Sem esquecer-se de sua avareza, que o leva a guardar dinheiro para os tempos difíceis, esse aspecto é conhecido no sertão, de guardar dinheiro dentro do colchão, de enterrá-lo feito botija. Ariano resgata dos causos populares, na oralidade observada nas rodas de conversa ao pé da fogueira, cenas e casos típicos sertanejos.

O interesse nas manifestações de cultura partilhadas oralmente pelo povo tem seu espaço para estudos no meio acadêmico. A cultura popular é aquela que é absorvida pelo povo. São várias as manifestações culturais populares brasileiras, mas em particular, o cordel a xilogravura o universo dos cangaceiros, os contos e causos do cotidiano nordestino, se encontram presentes de forma acentuada na dramaturgia de Ariano Suassuna, define estes aspectos do popular como inspiração e o espírito de sua obra quando diz:

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeça ou píano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados. (SUASSUNA, 1977a, p.39)

O resgate que Suassuna faz de todos esses aspectos e peculiaridades nordestinas fazem de sua obra algo próximo do leitor nordestino, assim sendo não podia deixar de lado o cangaço em sua peça, se mostra na relação com Pinhão, ao responder à pergunta que Euricão Engole-Cobra faz sobre o fato de o servo andar armado, alega: "Aqui todo mundo anda", referindo-se ao hábito do porte de armas que as pessoas do sertão tinham para se defender dos cangaceiros, quando necessário, Pinhão é um personagem valente, que toma decisões de bravura, mesmo que erradas, e que assume seus erros, sem medo de retaliação, o típico valentão nordestino. Com essa referência, o autor consegue associar a comicidade de sua obra à cultura do povo nordestino dizendo:

[...] tem-se que perquirir as origens de nossa cultura, respeitando sua forma pura e simples de apresentação, e procurando encontrar [...] uma Arte e uma Literatura eruditas nacionais, com base em suas raízes populares. (SUASSUNA, 1974, p. 5)

O resgate da cultura popular constrói um universo cheio de simbologias, através dos elementos imanentes do povo sertanejo, como a cordialidade, a esperteza, e avareza, a candura e a valentia, aspectos interpessoais encontrados no povo sertanejo, que os caracterizam e trazem à obra de Ariano um processo identitário. Nesse sentido, concordamos com as palavras de Chauí:

O popular na cultura significa, portanto, a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis, cuja interpretação pelo artista e pelo povo coincide. [grifo meu] (CHAUÍ, 1983, p. 15).

Não parando por aí, esse processo de identificação vai além, está nos espaços escolhidos, com aspectos áridos ou em casas com traços peculiares do sertão, está na composição das cenas, nos traços peculiares dos personagens, tudo é pensado para que o sertão seja refletido em sua obra.

O sertão constrói o espaço primário de sua obra, onde toda sua estética é construída, seus aspectos traços e formas, a riqueza histórica que carrega a luta histórica que o constitui, o sertão seco, árido, porém vivo e vivificante, de homens sofridos, porém fortes, de mulheres guerreiras, esse é o sertão de Ariano Suassuna, que de tão inspirador o levou ser Rei do sertão. Como vemos em sua apresentação a obra *O Santo e a Porca*:

O que eu procuro atingir, portanto, é, se não a verdade do mundo, a verdade de meu mundo, afinal inapreensível em sua totalidade, mas mesmo assim, ou por isso mesmo, tentador e belo, com seu sol luminoso e selvagem, tão selvagem que não podemos vê-lo.[...] Admito, a exemplo do que acontece com o público e com a arte popular de minha região — o mamulengo, o romanceiro —, a mentira geral do teatro para que isso me possibilite comunicar aos outros, na medida de minhas forças, a substância deste mundo. [...]A vida e o mundo são os motivos, que aparecem transfigurados, no teatro. Meu teatro procura se aproximar da parte do mundo que me foi dada; um mundo de sol e de poeira, como o que conheci em minha infância, com atores ambulantes ou bonecos de mamulengo representando gente comum e às vezes representando atores, com cangaceiros, santos, poderosos, assassinos, ladrões, palhaços, prostitutas, juizes, aventos, luxuriosos, medíocres, homens e mulheres de bem — enfim, um mundo de que não estejam ausentes — se não no teatro, que não é disso, mas na poesia ou na novela — nem mesmo os seres da vida mais humilde, as pastagens, o gado, as pedras, todo este conjunto de que o sertão está povoado. (SUASSUNA, 2002, p. 26,27)

O próprio Ariano Suassuna entende que sua missão parecia ambiciosa, no entanto este exímio amante das artes, pesquisador do universo literário e sertanejo, jamais esmoreceria, e tanto que sua arte se tornou fonte de pesquisa aos mais diversos estudiosos, inspirados e instigados a conhecerem o sertão.

### 3.4 OS PERSONAGENS

Para se conhecer melhor os personagens na obra suassuniana “*O Santo e a Porca*”, precisamos conhecer os aspectos escolhidos pelo autor para defini-los. Suassuna, como visto anteriormente, traz para suas peças um contexto filosófico de aprendizagem, e uma crítica social recorrente das situações de vida vistas na sociedade vigente, em especial as do sertão.

Aspectos de inferioridade e desigualdade como em Caroba e pinhão, de solidão e frustração no amor como em Benona e Eudoro, de amor impossível como em Margarida e Dodó, não se esquecendo da avareza cega de Eurico. Além destes pontos temos outros subtendidos, como a desistência dos estudos de Dodó, um ponto comum aos jovens sertanejo que preferem a luta na roça. O medo que Dodó sente do pai de Margarida, situação típica nas famílias do sertão. O caritó de Benona, a solidão depois de um amor frustrado, ou seja, a moça chega a certa idade sem casar e se diz que ela ficou no caritó. A busca de Eudoro para sair da solidão, pois passar o fim da vida só, sem ter quem cuide de sua velhice, não é bem visto por uma sociedade patriarcal especialmente em se tratando dos coronéis do interior.

O conflito central do enredo é constituído pelas ações do personagem Euricão, que busca alcançar seu objetivo materializado na porca, o que leva a envolver outras personagens na intriga. As três personagens femininas, Benona, Margarida e Caroba, estão diretamente relacionadas ao protagonista, estabelecendo um vínculo de dependência afetiva e financeira. As demais personagens masculinas se envolvem no enredo através destas personagens femininas, ou seja, estão indiretamente relacionadas à personagem central, gerando os conflitos paralelos, que visam outro objetivo: a realização amorosa pelo casamento.

Portanto, podemos observar nesta obra a utilização de personagens-tipo, cada um possui características e personalidades próprias e servem para retratar as mais variadas facetas do comportamento humano, comportamentos já conhecidos, que estão ligados ao plano material com características peculiares e de fácil identificação do leitor.

### 3.4.1 Euricão "Engole Cobra" ou Eurico Árabe

Além de ser o protagonista da peça, é pai de Margarida e irmão de Benona,. Euricão traz os aspectos mais fortes da cultura nordestina, a ele estão ligados os objetos que trazem à trama os aspectos de religiosidade e ganancia que fazem com que o mote da obra e o cômico, se tornem bem elaborados e dinâmicos.

Eurico tem em sua porca a própria vida, “a principal preocupação, quiçá a única, de Eurico é a porca de madeira – cuja idade é de cerca de duzentos anos – herança que lhe foi dada pelo avô”. (SANTOS; RAMOS, 2015, p.7). Foi nela que Eurico depositou todo seu dinheiro, conquistado na venda de chás e ervas em seu armazém, como relata o personagem em uma de suas conversas com o santo:

EURICÃO — Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? E preciso ver, é preciso vigiar! Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antônio! Dinheiro conseguido duramente, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Árabe, Eurico Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda não conseguiram furtar nada. Ah, minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente se mijar! Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse, comia você inteirinha! Ai, mas é impossível! Senão, desconfiam! (SUASSUNA, 2002, p .40)

É em Santo Antônio que Eurico busca a fé e a proteção para o dinheiro claro, suplicando proteção contra os “ladrões”, “safados”, “Urubus”, “assassinos”, “criminosos”; vários adjetivos usados por Eurico para definir os que estão ao seu redor, referindo-se a todos que possam ameaçar a segurança de sua amada porquinha.

EURICÃO — Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais esse Eudoro Vicente, querendo roubar o que é meu! Esse ladrão, esse criminoso! Eu não convidei ninguém, ele vem porque quer. E você, Seu Dodó, não diz nada? O senhor ouviu essa desgraça, vê que estão querendo me deparar, me explorar, e fica calado?(SUASSUNA, 2002, p.41)

Eurico tem por apelido, Euricão “Engole Cobra”, ou “Euricão Árabe” apelidos que definem o que o povo ao seu redor sente e acham deste personagem, a avareza e ganancia, estereotipo meio que preconceituoso do Árabe, a voz alta de imposição por isso “engole cobra” porque engole todos, um modo de dizer quando se fala acima dos outros e é grosso, “Vai me engoli é” como se usa nos ditos populares. Porém Eurico não gosta de ser chamado assim, reclamando a qualquer um que o venha apelidar. No entanto no momento de suas desconfianças usam as

seguintes falas: “EURICÃO — Venham! Ra, ra! Então vocês queriam roubar o velho Euricão Árabe, hein? Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas, se eu não cuida, as cobras é que vão me engolir”(SUASSUNA, 2002, p.41). Ele mesmo afirma que seu apelido vem bem a acalhar pois definem seu jeito, que para ele é certo de cuidar do que é seu.

A perda de sua porca, e a descoberta de que o dinheiro não tinha valor, traz uma nova e cruel realidade no mundo de Eurico, descritas pelo próprio Suassuna:

É desta traição que Euricão Árabe subitamente se apercebe, é esta visão perturbadora e terrível que lhe aponta os homens como escravos — como escravos fundamentais e não só do ponto de vista social, como um crítico entendeu apontava —, isto é, como eles próprios se veriam a instante, não fossem as preocupações, a cegueira voluntária e involuntária, as distrações e divertimentos, a covardia, tudo enfim que nos ajuda a "ir levando a vida" enquanto a morte não chega e que faz desta aventura — que se fosse sem Deus era sem sentido — um aglomerado suportável de cotidiano. (SUASSUNA, 2002, p. 23)

Ariano completa o sentido de aprendizado de Eurico dizendo:

Euricão, pôde servir para dar à perda da porca o sentido do absurdo de toda a vida. Porque a perda da porca é muito grave no caso particular dele. Euricão sacrificou toda a existência a ela — ao mundo, portanto, à segurança, à vida tranquila, feliz e rotineira —, furtando a sua própria alma, [...], deixando-o solitário e abandonado diante da morte.(SUASSUNA, 2002, p. 24)

Estas palavras ditas sobre o personagem pelo próprio Suassuna, traz o verdadeiro sentido de sua mensagem para o leitor, o personagem não existe na obra para um mero enredo cômico, mas também para trazer uma profunda reflexão por sobre o sentido da vida, e os caminhos que escolhemos, ganância ou fé, isso define Euricão.

### 3.4.2 Porca

Representa a oposição do profano frente ao religioso; é o objeto de cobiça; representa a avareza de Euricão, um dos 7 pecados capitais. Retratada como uma ligação entre Eurico e seus antepassados também gananciosos. Por ela as suas orações e dedicação superam a qualquer outra preocupação, não o permitindo enxergar ao seu redor. Dessa forma, na trama, a porca é o ponto central e o motivo do drama de Euricão,

EURICÃO — (Arriando numa cadeira.) Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio!(SUASSUNA,2002, p.50)

A porca para Eurico é sua vida seu amparo, suas aflições se refletem a cada momento que seu objeto estimado possa estar indefeso ou ameaçado, a porca é esta forte ligação com o profano, a ganancia, a avareza de Eurico, que o distancia da razão que a fé possa lhe dar, distancia do seu Santo colocando em primeiro lugar o amor absoluto por sua porquinha.

### 3.4.3 Santo Antônio

O santo casamenteiro, "achador" e popular, aquele que protege aos desenganados e santo de devoção de Euricão; representação do sagrado e da fé. Contraposição com a ganância de Eurico, Santo Antônio vem trazer o apelo por proteção o sentido de confiança, pois só a ele que Euricão revela sobre seus sonhos de uma velhice melhor com seu dinheiro e onde este dinheiro se esconde. Assim, o santo é mais que uma representação divina é também o sentido de consciência e fé, está fé que está sufocada pela ganancia, que permite a Eurico a capacidade de apenas ver seu lado e nunca o da fé, a fé e um meio para alcançar seus desejos e não o caminho para seu crescimento espiritual e pessoal.

EURICÃO — Ah, agora estou só. Estará escondido? O quarto está vazio. E aqui? Ninguém. Agora, nós, Santo Antônio! Isso é coisa que se faça? Pensei que podia confiar em sua proteção mas ela me traiu! Você, que dizem ser o santo mais achador! É isso, Santo Antônio é achador e esta ajudando a achar minha porca! Eu devia ter me pegado era com um santo perdedor! (SUASSUNA,2002,p.106)

Em seu momento de aflição no desenlace de trama, Eurico conversa com Santo Antônio:

EURICÃO — Ah, Santo Antônio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de seu velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antônio não podia me exigir esse absurdo! Ai, minha porquinha, que alegria apertá-la de novo contra o meu coração! Que alegria beijá-la! Ó minha esperança, ó minha vida! Agora que a encontrei não a



largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim! Agora é assim, minha porca e eu! (SUASSUNA,2002, p.149)

O santo é para Eurico seu refugio nas aflições, com medo de perder sua querida porca, sua ganancia é tanta, que sega e não vê que sua fé está deturpada, que o santo se torna instrumento de mero desabafo ilógico em busca de justificativas para defender com a fé a sua avareza.

#### 3.4.4 Margarida

Tem nome de flor, uma flor bucólica e singela, filha de Euricão, é o patrimônio do pai, e noiva de Dodó, mas em segredo; personagem que desencadeia dois polos de interesse: material (Euricão), que deseja casar sua filha com rico fazendeiro pra garantir ajuda financeira para viver o resto dos seus dias, Margarida passa a ser uma segunda representação da ganancia de Eurico assim como a porca, pois pode trazer riqueza. Sentimental (Eudoro e Dodó), que deseja desposá-la, sair da solidão, vendo na singela menina uma boa esposa que possa chegar ao fim da vida com seus cuidados. É importante ressaltar que enquanto Dodó a tem como seu bem-querer seu pai, Eudoro a via apenas como uma mulher nova e bonita, educada que poderia dar a ele ainda muitos prazeres e cuidar de sua velhice. Dessa forma, os dois coronéis, o pai Euricão e o Eudoro a viam apenas como objeto.

Margarida é estigmatizada, como plano de vida pra Eudoro e Eurico, não podendo a mesma ter sua opinião e sentimentos, algo que trama e luta as escondidas, fazendo deste desejo seu principal sentido de vida, ter direito a viver seu amor por Dodó.

Euricão mesmo que sem querer lê a carta que anuncia a chegada e interesse de Eudoro, ao lê-la, tem a seguinte reação por sobre sua filha:

EURICÃO — Então eu leio. Gozando paz e prosperidade. Sobretudo, espero que esteja passando bem sua encantadora filha Margarida, cuja estada em minha casa ainda não consegui esquecer. Ah, isso aí ele tem que reconhecer, minha filha é um patrimônio que possuo. Hei de casá-la com um homem rico e ela há de amparar a velhice do paizinho dela. Eudoro, com todo o dinheiro que tem, não tem uma filha como a minha! (SUASSUNA,2002, p. 38)

Aqui Eurico revela seu sentimento de amor porem de interesse pelo futuro casamento da filha, que pode por meio deste trazer fortuna e segurança a sua

velhice, Margaria se revela aqui por seu pai como uma segunda possibilidade além da sua porquinha.

#### 3.4.5 Benona

Esta personagem faz alusão à personagem de Plauto, Eunomia, trazendo mais um aspecto de intertextualidade, é irmã de Euricão e ex-noiva de Eudoro.

Benona se apresenta como uma personagem de varias faces, representa, inicialmente os pudores e os recatos, um dos motivos que a fez desistir do casamento com Eudoro, além de se sentir responsável por cuidar do irmão Eurico. Este recato imprimido na personagem é típico da realidade de mulheres que se abandonam em prol da honra e da família, assim não contraindo matrimônio. Como se tivesse a missão de cuidar dos seus familiares.

BENONA — Eu era muito moça, Eudoro. Eurico não me deixava sair para lugar nenhum, eu não conhecia o mundo, não conhecia você direito, nada! Bem, naquela noite em sua casa... Você sabe o que foi, fiquei com medo de você. (SUASSUNA, 2002, p.115)

Os pudores de Benona desaparecem quando Caroba apresenta seu plano de uni-la a Eudoro, os encontros as escondidas os beliscões em Eudoro mostram que Benona mudou, se repaginou, está mais assanhada.

BENONA — Ladrão pode não ser, mas é um atrevidinho, um bandido!  
 EUDORO — Eu?  
 BENONA — Sim, depois de certas coisas que ouvi, estou considerando você um ladrãozinho bem perigoso.  
 EUDORO — Eu, Benona?  
 BENONA — Sim, você, atrevido! Seu atrevidinho, seu moleque audacioso!  
 EUDORO — Minha senhora...  
 BENONA — Minha senhora o quê, malandro! Planeja suas histórias e depois vem com fingimento! Mas eu concordei de todo coração e quero que você saiba que a noiva estará presente.  
 EUDORO — (Inocente.) Estará presente onde?  
 BENONA — Olhe a inocência dele! Que fingido, que malandro!  
 EUDORO — Malandro, eu? Por quê?  
 BENONA — Ora por quê! Marca suas entrevistas, vem com suas audácias e depois ainda se admira quando a gente o chama de malandro!  
 (SUASSUNA, 2002, p. 94,95)

Neste momento Benona mostra um pouco de “atrevidimento”, e insinua para Eudoro seu interesse, Eudoro não sabe do que se trata pois ambos, tanto Eudoro,

quanto Benona, estão envolvidos na trama de Caroba, Trama esta que se trata da união dos dois, a qual será bem sucedida.

#### 3.4.6 Eudoro

Eudoro - "EÚDOROS"- composto por "eú" (bom,bem) e de "dôron" (o generoso); pai de Dodó. Entra na trama a partir de Margarida, que com seu jeito meigo, mesmo que inconsciente, instiga-o a pensar em sair da solidão depois de sua viuvez, Eudoro se torna pretendente de Margarida, quer se casar para evitar a solidão, julga que seu dinheiro é suficiente para garantir-lhe um bom casamento, representa a burguesia. Eudoro já tinha laços com a família, por ser ex-noivo de Benona, Seu surgimento na trama é o estopim para loucura de Eurico, os medos de Margarida e Dodó, assim como as artimanhas de Caroba e Pinhão.

EURICÃO — Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais esse Eudoro Vicente, querendo roubar o que é meu! Esse ladrão, esse criminoso! Eu não convidei ninguém, ele vem porque quer. E você, Seu Dodó, não diz nada? O senhor ouve essa desgraça, vê que estão querendo me depenar, me explorar, e fica calado? (SUASSUNA, 2002,p.41)

Como sempre Eurico apresenta os personagens ao seu modo, aqui Eudoro vem a ser em seus pensamentos, aquele que tenta afanar seu dinheiro, sendo Eudoro na verdade um homem que se sente só e procura alento, não financeiro como Eurico, mas o carinho e afeto de uma bela moça. Seu desfecho não foi bem como planejara, se resolveu com Benona por intermédio de Caroba, mas conseguiu o que procurava nos braços de seu antigo amor.

#### 3.4.7 Dodô

Filho de Eudoro, seu nome é uma abreviação do nome do pai que indica a submissão do filho ao pai, noivo de Margarida e muito apaixonado, faz qualquer coisa para ficar com a amada, desiste dos estudos, se dispõe a trabalhar no armazém com Euricão e até mesmo fingir ser aleijado. Dodó com apelido de Dodó Boca da Noite participa da trama, também envolvido por Margarida, não tem grande representatividade na peça no sentido de uma presença constante na ação, mas seu papel é de fundamental importância na trama.

MARGARIDA — O melhor é a gente confessar tudo, querido. Não agüento mais essa agonia. A todo instante penso que meu pai vai reconhecer você.

DODÓ — Não está vendo que é impossível, meu bem? Quando seu pai me viu pela última vez, eu era um menino. E com esta corcova, essa roupa, essa barba... Não é Possível de jeito nenhum!

MARGARIDA — Mas o seu? Ele vai chegar e vai reconhecê-lo. Não seria melhor dizer tudo?

DODÓ — Mas dizer tudo como, meu bem? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a idéia de eu me casar sem estudar, seu pai só deixa você casar com um homem rico... O que é que eu posso fazer contra este inferno?

MARGARIDA — Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, permitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Ele gostou tanto de mim quando estive lá!

DODÓ — E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

MARGARIDA — Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica! Ele vai descobrir. (SUASSUNA, 2002, p. 43)

A passagem traz o medo do casal com a chegada de Eudoro, pai de Dodó, retrata também o disfarce de Dodó e seu carinho e amor ao falar com sua amada Margarida.

#### 3.4.8 Caroba

A do nome provém da associação com a árvore a “Algaroba”, segundo o autor, grande e forte ao clima, tipicamente sertaneja, relacionado com sua desenvoltura para encontrar modos de resolver as situações e tentar garantir seu próprio bem estar.

Caroba é empregada de Euricão e a personagem que desenvolve toda a rede de intrigas que envolve os casamentos, a união de Eudoro e Benona, sempre com foco em seu futuro com pinhão, é esperta, articula as ações do texto, proativa, e sempre tem um novo para aplicar, ela é nossa heroína picaresca, pois traz em sua constituição como personagem, o sofrimento social, típico dos menos desfavorecidos e trabalhadores da época, mas traz também as peripécias e astúcias para driblar as desventuras da vida.

Caroba é mulher forte e decidida, guerreira formada pela vida e assumidamente apaixonada por Pinhão, sonhando em um dia poder casar-se e possuírem seu cantinho.

CAROBA — Para o senhor, para mim vale muito. A coisa que eu mais desejo na vida é casar com Pinhão e ter uma terrinha para trabalhar nela

com ele. Se a história se resolver e eu conseguir fazer seu casamento, o senhor passa a escritura dessa terra para nós dois? (SUASSUNA, 2002, p. 47)

Para isto é capaz de tudo, enrolar, manipular, persuadir, tudo isso para seu bem e de pinhão. Não deixando de lado que mesmo em suas artimanhas o fim propicia um bem, a união dos dois casais, e sua própria união com Pinhão.

### 3.4.9 Pinhão

Pinhão, também “herói” picaresco, tem em seu nome significado de “fruto rústico”. É empregado de Eudoro, é noivo de Caroba, representa a busca da liberdade. Ele é responsável pela entrega do bilhete que inicia o drama dos personagens. Também é Pinhão quem descobre o segredo de Euricão, escutando atrás da porta, o desabafo dele com o santo e, assim, resolve roubar a Porquinha para ter dinheiro e poder construir sua vida com Caroba fora dali, ou seja, fora da escravidão que lhes impunha o patrão.

Uma característica de Pinhão, são os ditados populares, estes representam a voz do povo dentro da peça:

Entra PINHÃO, com um grande saco de estopa, velho e sujo, no qual carrega a porca.

PINHÃO — Ô lírio, ô lírio, ô lírio, ô lírio como é? Bom almoço, boa janta, boa ceia e bom café, da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé.

Agora, é assim, Santo Antônio, meu velho, “bom almoço, boa janta, boa ceia e bom café”. Mas ali onde diz “da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé”, agora é assim: “da porquinha eu quero as tripas, quero pá, cabeça e pé”. Sou o homem mais rico do mundo, Santo Antônio, trate de me agradar de hoje em diante. Não há como um dia atrás do outro e uma noite no meio. O velho Engole-Cobra, de tanto engolir cobra, terminou achando uma que o engolissem. Ra, ra! Plantou o roçadinho dele, mas quem arrancou o milho foi Pinhão.

VOZ DO DODÓ — (Fora.) Pinhão, é você?

PINHÃO — (Trancando rapidamente a porta.) Calma lá, Seu Dodó! Deve ser Seu Dodó! Seu Dodó o quê? Deve ser Dodó, Dodó Boca-da-Noite! Agora é assim! Espere lá, Dodó Boca-da-Noite! É melhor guardar o saco! (Beija a Porca e esconde-a no socavão.) (SUASSUNA, 2002, p. 121)

A passagem traz duas referências a Pinhão, os ditos populares e sua trama no roubo da porquinha, como também seu traço cômico ao tratar Dodó. Pinhão é personagem cheio de astúcias como todo picaresco, mas também de bom coração, que deseja se unir a Caroba e construir suas vidas juntos, com as

conquistas desta trama. Ao final tudo dá certo, para nossos heróis Caroba e Pinhão, que com astúcia e coragem enfrentam as atribuições da vida, com destreza, vencem a avareza.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho mostrou a importância da análise da obra *O Santo e a Porca* de Ariano Suassuna, a partir da observação de alguns aspectos peculiares inerentes à obra, da visão do autor e sua inspiração, dos personagens e da visão do herói, além da perspectiva intertextual que existe na obra, uma característica muito evidente nas obras de Suassuna de um modo geral. Percebemos, ao longo da pesquisa que ele está constantemente valorizando a união da cultura popular e erudita, devolvendo ao povo as riquezas culturais produzidas no País, em especial no sertão nordestino.

Como foi dito, o estudo parte também da visão do autor e suas inspirações na construção da peça, e apresentadas por ele mesmo. Suassuna, atribui valores populares da literatura de cordel, do repente, dos ditos populares a seus personagens e ambientes de cenas das obras. A análise dos personagens e da temática foi imprescindível para a compreensão da obra. Como vimos, os personagens foram criados a partir da realidade vivenciada e observada pelo autor e também da realidade do sertão, às vezes cruel, com isso surge a formação do personagem e do herói suassuniano.

O contexto geral da obra envolveu diversos, temas importantes, como as desigualdades sociais, Fé e avareza, sagrado e profano, pecados capitais, religiosidade, moralidade, justiça e existencialismo, características da construção literária de Suassuna.

O primeiro capítulo trouxe a apresentação do autor, através de dados biográficos, a importância do movimento Armorial, forma e estilo, as inspirações em Plauto e critérios que permeiam sua arte. No segundo capítulo pudemos conhecer um pouco mais da obra, o conceito de herói através de teóricos como Campbell, Bakhtin e Candido, que direcionam o aprofundamento sobre o tema, em seguida o herói é trazido, e podemos ver a construção destes personagens, suas características e peculiaridades.

Foi possível perceber que os traços picarescos colocados por Ariano em alguns personagens, a exemplo de João grilo de *O auto da Compadecida* e de Caroba na obra em estudo, visa não só mostrar a inteligência e capacidade do sertanejo de agir no momento certo e de sair de situações aterradoras condicionadas pela sociedade dominante, mas também apresentar esse ser forte por natureza que, diante das adversidades, faz uso dessas ditas adversidades para, de alguma forma, sobreviver e ludibriar as durezas de suas vidas.

O terceiro capítulo nos aprofundamos na análise da obra, os aspectos intertextuais, o próprio autor revela que sua obra é uma imitação de Plauto, e a partir deste norte, encontramos diversos traços intertextuais, não esquecendo do sagrado e do profano, através dos estudos de Émile Durkheim (1858-1917) e Mircea Eliade (1907-1986), podemos traçar um comparativo das visões religiosas sobre ambos os aspectos, e discutirmos na obra os pontos chave entre sacralidade e profanidade.

Ainda no terceiro capítulo analisamos os aspectos de Nordestinidade, por fim, ainda regidos pela nordestinidade, falamos dos personagens, pontuando suas características, sua função na obra, não esquecendo dos aspectos filosóficos que Ariano deixa na obra; podemos concluir que este trabalho contribui para aumentar a valorização da literatura Nordestina. A obra *O Santo e Porca*, de Ariano Suassuna proporciona uma reflexão a favor da vida, com traços de nordestinidade e um contexto social forte, é uma tentativa de valorizar o povo e sua diversidade cultural.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010
- CANDIDO, Antonio. **Dialética da Malandragem** (Caracterização das „Memórias de um sargento de milícias“). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. N. 8. Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89.
- CHAUÍ, Marilena. Merleau-ponty: **Obra de arte e filosofia**. In NOVAES, Auditor (org) *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- \_\_\_\_\_. **O Que é Ideologia**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DURKHEIM, Émile **As Formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELÍADE, Mircea **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A, 1986.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. – 1. Ed. - São Paulo: Ática, 2006.
- SANTOS, Éverton de Jesus; RAMOS, Jaqueline. **Sobre o teatro cômico de Ariano Suassuna**. Rer IPI 01,015701 (2005)
- SANTOS, Ildelette Muzart Fonseca dos. **Em demanda da poética popular**: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- SILVA, Aiane Tácia . **Aspectos Intertextuais da Obra Auto da Compadecida de Ariano Suassuna**. Faculdade Sete De Setembro – FASETE Licenciatura em Letras – Orientadora. PAULO AFONSO – BA /2013
- SUASSUNA, A. **O movimento Armorial**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1974.
- \_\_\_\_\_.1927. **O Santo e a Porca**. Rio de Janeiro. José Olympio, Editora 2002
- \_\_\_\_\_. **Introdução a Estética**. Rio de Janeiro. José Olympio Editora,2007
- \_\_\_\_\_. **A morte do touro mão de pau**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/antonio-nobrega/a-morte-do-touro-mao-de-pau.html>. Acesso em 10/08/2018.
- TREVIZAN, Matheus. *Elementos Plautinos em o Santo e a Porca, de Ariano Suassuna*. Aletria, Revista de Estudos de Literatura 2014, p. de 137 a 152 <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/5546>